

ALINE VIEIRA DE CARVALHO

Palmares como espaço de sonhos: análise dos discursos arqueológicos sobre a Serra da Barriga.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação e defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 24/02/2005.

BANCA

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (orientador)

Prof. Dr. Andrés Zarankin (membro)

Prof. Dr. Gilson Rambelli (membro)

Prof. Dr. Margareth Rago (suplente)

FEVEREIRO/2005

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

C253p

Carvalho, Aline Vieira de.

Palmares como espaço de sonhos : análise do discurso
arqueológico sobre a Serra da Barriga / Aline Vieira de
Carvalho. – Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador: Pedro Paulo Abreu Funari.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Arqueologia. 2. Arquitetura. 3. Cultura material.
I. Funari, Pedro Paulo Abreu. II. Universidade Estadual
de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

Palavras -chave em inglês (Keywords): Archaeology.
Architecture.
Material culture.

Área de concentração: História cultural.

Titulação: Mestre em história cultural.

Banca examinadora: Pedro Paulo Abreu Funari, Gilson Rambelli, Andrés
Zarankin.

Data da defesa: 24/02/2005.

Resumo: *A presente pesquisa buscou apresentar quais as concepções de Arqueologia foram articuladas na Serra da Barriga e quais representações foram arquitetadas, no interior dessas teorias, para o assentamento quilombola. Esse exercício de apresentação tem como objetivo pavimentar caminhos para a construção de reflexões acerca da relação entre Arqueologia, identidade e política, além de possibilitar algumas sugestões para o futuro da disciplina.*

Abstract: *The study aims at discussing the archaeological interpretive frameworks used to understand Potbelly Hill (Serra da Barriga), the large 17th c. maroon. This interpretive exercise aims also at discussing the relationship between archaeology, identity building and politics, as well as fostering new avenues for the development of the discipline itself.*

Ao Duda

“(...) é a partir das representações do passado
que se constrói toda uma estratégia de governo,
poder, de sociedade e de futuro”.¹
Antônio Torres Montenegro.

“(...) penso muito nas próprias pessoas sobre as
quais estou escrevendo e me pergunto: o que
diriam? Como se sentiriam? Acredito que essa
seja uma boa atitude porque nos faz lembrar
das nossas responsabilidades”.²
Natalie Zemon Davis.

¹Montenegro, Antônio Torres, *História em Campo Minado – a memória popular revisada*, Tese de doutorado, IFCH, Campinas, 1991: p. 12.

² Pallares-Burke, Maria Lúcia Garcia, “Natalie Zemon Davis”, *As muitas faces da história*, Editora da Unesp, São Paulo, 2000: p. 113.

Agradecimentos

Será possível agradecer, de forma satisfatória, às pessoas que contribuíram para construção dessa dissertação? Acredito que não. Seguem pequenas, e insuficientes, tentativas.

Agradeço aos meus pais pela convivência, nem sempre harmoniosa, que nos mostra o quanto amar é difícil, necessário e recompensador. Obrigada por eu estar aqui. Ao meu irmão, por me mostrar que os problemas podem ter mais de uma solução. Obrigada pela presença que, apesar de pouca, me faz sempre querer mais. Ao Lucas, por estar, de forma constante, ao meu lado; pela companhia sempre desejada. À Têre que, com seu imenso coração, nos inspira a amar o próximo. Ao Rui, agradeço pela presença sempre bem vinda e pela imensa compreensão quanto aos meus atrasos!

Agradeço ao Marcus, agora reformado e sempre apaixonado, pela intensa amizade e pelas “cartas do além” que fazem qualquer pessoa se sentir amparada. À Carol e ao João, pelo apoio em momentos de grandes mudanças e de permanências. Ao Tadeu, pela presença sempre marcante e muito engraçada. Ao Evandro, pelo seu mal-humor, e a Dani, por colocar ordem nos *Besouros Verdes* (ele não era um vocalista anão!). Ao Tuna, excelente consultor gastronômico, pelas inúmeras explicações sobre a Usp, Unicamp e Campinas. À Patrícia e ao Matheus, pela presença nas festas (com comidas deliciosas)! Ao PC pelos poucos, mas produtivos, tempos de correção. Ao Patrick, amigo distante, por mostrar que a vida é bastante dinâmica e que nos leva por caminhos nunca sonhados. Ao Lúcio, por mostrar que a persistência vale a pena.

À Adiléia agradeço, infinitamente, por colocar ordem na casa! E à Natasha, por alegrar toda a minha vida.

Aos Besouros Verdes, agradeço pela inspiração musical.

Obrigada aos colegas do instituto, em especial, os da Linha de Cultura Material, Gênero e Identidades, pelos debates teóricos e pelos seminários apresentados e assistidos. Agradeço à professora Margareth Rago pela Teoria de História, que muito me inspirou para a elaboração da dissertação. Obrigada aos professores José Alves de Freitas, Célia Azevedo e Cristina Meneguello por serem constantes exemplos de excelência acadêmica. Além, é claro, da companhia bastante divertida. À professora Nanci Vieira, pelas experiências de campo compartilhadas e por possibilitar minha continuação nas pesquisas arqueológicas.

Obrigada aos professores Gilson Rambelli e Andrés Zarankin por acompanharem meu trabalho e se disponibilizarem a, mais uma vez, discutir as idéias aqui apresentadas. Agradeço também pelas pesquisas que ambos realizam no campo da Arqueologia e que contribuem para a valorização da profissão.

Agradeço ao Junior, da secretária de pós-graduação, pelas instruções, de ordens burocráticas, dadas ao longo desses dois anos de pesquisa. Ao CNPq, agradeço pelo apoio financeiro.

Ao professor Pedro Paulo, agradeço por esses 6 anos de orientação, marcados pela liberdade de pesquisa, pelos conselhos não apenas no campo acadêmico, mas também sobre as relações humanas, pelo exemplo de ética e pelas imensas portas que me foram abertas. Obrigada pela minha constante formação. E vamos para outros projetos!

Por fim, aquele que torna os meus agradecimentos mais insuficientes: ao Du, agradeço pelo amor intenso e constante, pela companhia sempre necessária, pelo apoio incondicional, pelos risos e pelas lágrimas, por todo presente e futuro sonhado e construído. Obrigada.

Índice.

Agradecimentos p.9

Apresentação da pesquisa: as escolhas realizadas p. 15

Capítulo 1: Palmares como lugar de sonhos p.19

1,1: A possível cronologia do Quilombo de Palmares p.19

1,2: Palmares da Historia, Antropologia e Sociologia p.21

1,3: Palmares das Arqueologias Históricas p.36

Capítulo 2: As possibilidades abertas pela Arqueologia Pós-Processual p.41

2,1: Arqueologia da Etnicidade e a construção de Palmares plural p.41

2,1,A: Ficha Informativa p.41

2,1,B: O material analisado p.43

2,1,C: Arqueologia da etnicidade p.44

2,1,D: Leituras para a pluralidade p.47

2,1,E: Palmares das múltiplas identidades p.50

2,2: Arqueologia da Dominação e da Resistência e a Estrutura Plural p.53

2,2,A: Ficha Informativa p.53

2,2,B: O material analisado p.54

2,2,C: Arqueologia da Dominação e da Resistência p.55

2,2,D: Cerâmicas e identidades p. 57

2,2,E: Palmares Plural e a resistência p.63

Capítulo 3: Os caminhos criados pela Arqueologia Processual p.65

3,1: Arqueologia Histórica Global e a Rede Palmarina p.65

3,1,A: Ficha Informativa p.65

3,1,B: O material analisado p.66

3,1,C: Arqueologia Histórica Global p.67

Consequências do mutualismo para a pesquisa

Quatro raízes da Arqueologia Histórica

3,1,D: Fontes para a Arqueologia Histórica Global p.72

3,1,E: Redes de relações no Quilombo de Palmares p.77

3,2: Arqueologia da Etnogênese e a Sociedade Multiétnica p.79

3,2,A: Ficha Informativa p.79

3,2,B: O material analisado p.80

3,2,C: Arqueologia da Etnogênese p.81

3,2,D: Documentos de época e diálogos com a historiografia p.83

Diálogo documental: o modelo da sociedade multiétnica

3,2,E: Os Palmares da Arqueologia da Etnogênese p.88

Conclusão p.90

As Arqueologias de palmares e suas identidades

Identidades como escolhas políticas

Arqueologias de Palmares e a necessidade de Arqueologias Públicas

Bibliografia p.101.

Apresentação da pesquisa: as escolhas realizadas

Nos anos de 1992 e 1993, o cenário da Arqueologia brasileira foi abalado por uma nova proposta de pesquisa: escavar o Quilombo de Palmares. Até aquele momento, o assentamento palmarino havia sido investigado, por mais de um século, pela História, Antropologia, Sociologia, entre outros ramos de conhecimento, mas nunca pelo estudo de sua cultura material. O alvoroço causado, no campo da Arqueologia, pela novidade temática, cresceu diante da novidade dos pesquisadores: os arqueólogos que propuseram a escavação eram jovens e, alguns, estrangeiros.

O projeto arqueológico da Serra da Barriga, local onde se localizaria a maior área ocupada do Quilombo de Palmares (Vila de Macaco), foi elaborado pelo brasileiro Pedro Paulo Abreu Funari, pelo norte-americano Charles Orser Jr e pelo inglês Michael Rowlands. Posteriormente, no ano de 1996, o assentamento foi escavado pelo norte-americano Scott Joseph Allen, mas, sem a participação dos outros três pesquisadores citados. Cada arqueólogo inseria-se em uma corrente teórica bastante específica e, dentro de suas escolhas teóricas, propôs uma interpretação do que teria sido o Quilombo de Palmares.

Nossa proposta de pesquisa é apresentar quais as concepções de Arqueologia estavam articuladas na Serra da Barriga e quais representações foram arquitetadas, no interior dessas teorias, para o assentamento quilombola. Esse exercício de apresentação tem como objetivo pavimentar caminhos para a construção de reflexões acerca da relação entre Arqueologia, identidade e política, além de possibilitar a elaboração de algumas sugestões para o futuro da disciplina.

Para realizar esse propósito, iniciamos a dissertação com um capítulo que visa localizar o leitor no tema investigado: *“Palmares como lugar de sonhos”*. Esse capítulo está dividido em três subdivisões: o primeiro dedicado ao estudo da cronologia do assentamento; o segundo versando sobre como o Quilombo de Palmares foi retratado na historiografia; o último que visa a introduzir alguns debates sobre a Arqueologia, por exemplo, acerca de suas fontes de pesquisa.

Os dois capítulos seguintes destinam-se à apresentação das Arqueologias da Serra da Barriga e os respectivos quilombos por elas arquitetados. A divisão de autores pesquisados por capítulo da dissertação embasou-se na proposta de Colin Renfrew. Segundo o autor, é possível traçar uma divisão entre duas vertentes de pesquisa arqueológica realizadas no pós-década de 1980. A primeira tem como tendência a procura por regras gerais que expliquem diferentes sociedades, desconsiderando contextos específicos; característica herdada da Arqueologia Processual. Por outro lado, estariam as pesquisas que valorizariam o contexto do objeto pesquisado, ou seja, uma linha própria à Arqueologia Pós- Processual³.

Com finalidade analítica, empregamos o critério de Renfrew para organizar as concepções teóricas dos arqueólogos que pesquisaram Palmares. Na vertente processual teríamos a Arqueologia de Charles Orser Jr e Scott Joseph Allen, enquanto na linha pós-processual estaria Pedro Paulo Abreu Funari e Michael Rowlands. É de grande importância reforçar que esse é um critério apenas analítico, pois seria impossível descrever toda uma concepção teórica de Arqueologia com os rótulos “processual e pós-processual”.

³ Renfrew, Colin e Bahn, Paul, *Arqueología – teorías, métodos y prácticas*, Madrid, Ediciones Akal, 1998, p. 425-430.

Com clareza da insuficiência dessas designações, cada corrente teórica analisada foi nomeada de acordo com a proposta metodológica de seus autores. Assim, dentro do capítulo sobre o campo Arqueologia Processual, teremos a Arqueologia Histórica Global, de Charles Orser Jr, e a Arqueologia da Etnogênese, de Scott Joseph Allen. No capítulo dedicado à Arqueologia Pós-processual, apresentamos a Arqueologia da Etnicidade, de Pedro Paulo Abreu Funari, e a Arqueologia da Dominação e da Resistência, de Michael Rowlands. Trata-se de nomenclaturas criadas no interior dessa dissertação e justificadas no decorrer dos capítulos e não de termos utilizados pelos autores analisados.

Apesar da Arqueologia Processual ser cronologicamente anterior à Pós-Processual, nessa dissertação o Capítulo 2 analisará a Arqueologia da Etnicidade e a Arqueologia da Dominação e da Resistência, classificadas como Pós-Processuais, e o Capítulo 3, a Arqueologia Histórica Global e a Arqueologia da Etnogênese, tidas, de forma genérica, como Processual. A inversão ocorreu porque dos três arqueólogos que conceberam o Projeto Arqueológico da Serra da Barriga - Funari, Orser e Rowlands - dois estão vinculados à pós-processualidade. Começaremos, então, pela maioria.

Cada item dedicado à investigação das Arqueologias - da Etnicidade, da Dominação e da Resistência, Histórica Global e da Etnogênese - possui cinco propósitos: A) apresentar o autor pesquisado através de uma ficha informativa que possa servir aos leitores como base para futuras pesquisas; B) apresentar o material pesquisado para a elaboração da narrativa; C) apresentar as definições de Arqueologia usadas pelos arqueólogos que escavaram com o Quilombo de Palmares;

D) apresentar como a Arqueologia estudada trabalha suas fontes e, por último, E) apresentar a imagem do Quilombo de Palmares construída pela prática arqueológica de seu autor.

Como Conclusão, último capítulo da dissertação, construímos algumas reflexões sobre as identidades atribuídas a Palmares. Acerca dos usos políticos dessas identidades, apontamos alguns caminhos que poderiam ser interessantes para trabalhar com Arqueologia, identidade e política.

Capítulo 1: Palmares como lugar de sonhos.

“Meu avô me contava sobre os 400 anos de escravidão do povo negro no Brasil e da luta de Zumbi. Hoje, o hip hop me deu conhecimento para perceber que o principal líder do maior dos quilombos, Palmares, é mais atual que nunca: lutava por igualdade social, pelos direitos dos negros como cidadãos e por uma distribuição humanitária da renda”.

Rappin Hood, Revista MTV, Editora ZMA, setembro de 2002.

“No dia 20, rememoramos os trezentos anos da morte de Zumbi dos Palmares, um brasileiro que lutou pelo fim da escravidão. Lutou pela liberdade. E deixou uma lição que vale muito para nós, hoje: o espírito comunitário. Ele viveu no Quilombo de Palmares, que acolhia negros, índios, judeus e até muçulmanos. Zumbi morreu porque sonhava com uma vida melhor para todos. Não se contentava com a liberdade só para ele”.

Fernando Henrique Cardoso, 20 de Novembro de 1995

1,1: A possível cronologia do Quilombo de Palmares

Estando dentro da História Cultural torna-se bastante difícil falar de homogeneidade e consensos historiográficos. Ao mesmo tempo, se faz necessário a apresentação do objeto de estudos àqueles que não estão familiarizado ao tema. Sendo assim, como explicar o Quilombo de Palmares já que cada pesquisador escolhe uma visão bastante particular sobre o assentamento? A opção foi basear-se na cronologia de acontecimentos presente no livro *O Quilombo de Palmares* de Edson

Carneiro. A sequência de dados listada por Carneiro é repetida em outras obras, tanto na História como na Arqueologia, sobre o Quilombo de Palmares. Nos centraremos, inicialmente, em um possível acordo sobre a formação do Quilombo Palmarino para, depois, analisar a pluralidade de abordagens sobre a temática.

Para entendermos a formação do Quilombo de Palmares é necessário voltarmos nos tempos da Expansão Marítima praticada por Portugal em busca de novos caminhos para as Índias, no século XV. Em 1415, os portugueses tomaram a Ilha de Ceuta e iniciaram o processo de expansão pela África. Nas décadas seguintes, conquistaram o Atlântico Sul e chegaram à terra que se configuraria hoje como o Brasil. Durante a segunda metade do século XVI e início do XVII, momento em que o comércio com as Índias não se mostrava lucrativo aos europeus, os portugueses implantaram um novo tipo de produção nas terras descobertas: a cana de açúcar.

Na costa brasileira da Bahia e de Pernambuco foram montados engenhos de açúcar que utilizavam mão-de-obra escrava de africanos e indígenas, *negros da terra*, como eram chamados. O açúcar era revertido em lucro não apenas para Portugal como também para Holanda, responsável pelo refino do produto. Ao mesmo tempo em que os portugueses dedicavam-se a implantação dos engenhos de açúcar passaram a enfrentar as fugas de negros e indígenas das fazendas escravistas. Juntos, alguns desses escravos davam início ao Quilombo de Palmares.

Durante o período de União Ibérica (1580-1640) – quando Portugal foi incorporada à Coroa Espanhola –, Palmares, localizado há cerca de 60 Km da costa brasileira em direção ao interior do país, adquiriu novos habitantes. Segundo documentos de época, havia não apenas indígenas e negros no quilombo, mas

também judeus, bruxas e mulçumanos. Em 1612, o assentamento foi reconhecido pelos portugueses como refúgio poderoso e perigoso de escravos. Nesse ponto da História, é necessário lembrar que além dos conflitos econômicos existentes entre os países europeus havia as disputas religiosas. Os Holandeses, de maioria protestante, invadiram o Brasil em 1630 em busca do açúcar, já que a Espanha católica havia os proibido de fazer comércio com a colônia portuguesa. As autoridades holandesas também reconheceram o perigo do assentamento quilombola e, apesar de todos os esforços militares, não conseguiram destruir o quilombo.

Após a expulsão dos holandeses do Brasil, em 1654, e mesmo com fim da União Ibérica, 1640, as autoridades coloniais e os senhores de engenho concentraram forças militares para a destruição do Quilombo de Palmares. Como resposta, os palmarinos passaram a atacar fazendas do litoral para conquistar armas, libertar escravos e vingarem-se dos senhores e feitores do engenho. Em um dos muitos conflitos, o capitão da infantaria Fernão Carrilho aprisionou cerca de 200 integrantes. Frente aos novos acontecimentos, Ganga-Zumba, chefe militar do Quilombo de Palmares, procurou solucionar a situação com um acordo: propôs ao governador de Pernambuco, Aires de Souza e Castro, que os quilombolas se desarmariam se, em troca, tivessem o direito sobre as terras de Palmares e a liberdade (restrita aos nascidos no Quilombo de Palmares).

A desavença surgiu dentro do próprio quilombo. Outro líder militar do quilombo, Zumbi, liderou a oposição a Ganga-Zumba e organizou a resistência de Palmares às forças coloniais. O Governador de Pernambuco decide convocar o bandeirante Domingos Jorge Velho, em 1687, para liderar as expedições contra

Palmares. Após 7 anos de tentativas, Domingos Jorge Velho, liderando um exército de colonos, índios e mamelucos, destruiu o assentamento quilombola. Zumbi foi capturado apenas no ano de 1695; era dia 21 de novembro⁴.

1,2: Palmares da História, Antropologia e Sociologia.

Edward Said, crítico literário e estudioso das relações entre os mundos ocidental e oriental, escreveu em sua autobiografia que “todas as famílias inventam seus pais e filhos, dão a cada um deles uma história, um caráter, um destino e até mesmo uma linguagem”⁵. De forma bastante poética, o intelectual mostra-nos como o exercício de atribuir significados ao mundo que nos cerca é uma atividade constante do ser humano. Seguindo esse pensamento, e após a reflexão acerca das leituras sobre o Quilombo de Palmares, apresentadas a seguir, podemos afirmar que o assentamento palmarino tornou-se filho de muitos pais.

Historiadores, sociólogos, antropólogos, arqueólogos, literatos, médicos e advogados, inseridos em contextos históricos bastante específicos, leram Palmares como exemplo tangível e alternativo para a vida em sociedade. Os alicerces para a construção desse quilombo provinham do que foi vivenciado por seus leitores e produtores. André Burguière, historiador francês, analisando o exercício da escrita da história, afirma que “as raízes da explicação histórica encontram-se, sempre, no presente, nas sociedades e culturas de determinados períodos, nas quais se insere o

⁴ Funari, Pedro Paulo A., Carvalho, Aline Vieira de, Palmares, ontem e hoje. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005 (no prelo).

⁵ Edward Said, *Fora do Lugar*, Companhia das Letras, 2004, p. 19

historiador”⁶. Burguière compõe um entrelaçamento entre o intelectual e o seu presente que, nessa pesquisa, será compreendido através do conceito de texto e contexto.

Dominick LaCapra, historiador americano e professor da Universidade de Cornell, defende a necessidade de se pensar sobre as possíveis definições da linguagem antes de conceber o que seria texto e contexto; isto porque a linguagem seria uma prática que atribui significados a outras atividades humanas, entre elas as construções textuais e contextuais.⁷ Em princípio, defende LaCapra, o texto pode ser visto como o uso situado da linguagem, marcado por uma tensa interação entre tendências reciprocamente relacionadas, mas que por momentos se contestam⁸. Sendo o texto concebido como o uso situado da linguagem⁹, o estudioso aponta para uma outra dificuldade: como delimitar o que é interno e externo a um texto? Como resposta às possíveis angústias em definir os limites entre “dentro e fora” do texto, o autor afirma que mesmo o contexto, ou mundo real, é textualizado de diversas maneiras¹⁰.

Nesse caminho, pesquisadores inseridos em universos textualizados estariam vinculados às linguagens, que usam para tecer narrativas sobre seus objetos de estudos, mas também nas quais são constituídos. O texto, interligado ao contexto,

⁶ Burguière 1982: 427. Citado em: Funari, Pedro Paulo, *Antiguidade Clássica – a História e a cultura a partir dos documentos*, Campinas, Ed. Unicamp, 1995, p.18

⁷ LaCapra, Dominick, “Introduction”, *Rethinking Intellectual History*, Cornell University Press, 1983. P.18.

⁸ LaCapra, “Repensar la historia intelectual y leer textos”, *Giro Lingüístico e historia intelectual*, Palti, Elias J. (org.), Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 240.

⁹ O texto pode ser caracterizado pela existência de duas outras atribuições: os aspectos documentais e o de ser-obra. “Lo documentario sitúa o texto en términos de dimensiones fácticas o literales que implican la referencia a la realidad empírica y transmiten información sobre ella. El “ser-obra” complementa la realidad empírica con agregados y sustracciones. Implica por lo tanto dimensiones del texto no reductibles a lo documentario, que incluyen de manera preponderante los papeles del compromiso, la interpretación y la imaginación”. LaCapra, “Repensar la historia intelectual y leer textos”, Op. Cit., p. 245-246.

¹⁰ LaCapra, “Repensar la historia intelectual y leer textos”, Op. Cit., p. 241.

passa a ser lido como uma “costura” de dois aspectos: documentários, ou seja, sustentado por “fatos reais” do passado, e imaginativos do autor, que LaCapra denomina como “work-like”. Essas duas características possibilitariam a reconstrução textual.

O trabalho de reconstrução proposto por LaCapra, no entanto, não ignora a criatividade e o envolvimento do pesquisador com seu próprio trabalho. Ao contrário, a criatividade e o aspecto documental de um texto são analisados como sendo parte de um todo e, junto com os contextos – vida do autor, intenções, conceitos e idéias de outros autores, os processos sociais mencionados, outras obras do mesmo estudioso e as estruturas de interpretações – permitem entender o texto como uma intersecção de uma longa tradição e de um momento específico.

A tarefa do historiador, dentro deste campo teórico, passa a ser a construção de diálogos entre a tradição e a especificidade, os textos e os contextos, o intelectual e o passado. O antigo desejo pela verdade, próprio do século XIX, é substituído pela vontade de estabelecer conversas entre muitos elementos, o que desmonta um clichê sobre história intelectual que diz que um único contexto é suficiente para explicar o texto.

Dentro da história intelectual proposta por LaCapra seria possível entender as maneiras pelas quais Palmares se configurou como terras de diferentes sonhos ou filho de muitos pais, o que pode ser percebido na historiografia brasileira sobre o quilombo. No século XIX, por exemplo, o arquivista Ernesto Ennes, ligado ao Museu Paulista e, portanto, à construção da memória bandeirante em São Paulo¹¹, produziu

¹¹ O texto de Ennes foi dedicado a Afonso E. de Taunay, diretor do Museu Paulista em 1930. In: Ernesto, *As Guerras nos Palmares*, Nacional, São Paulo, 1938.

um livro dedicado à compilação de documentos sobre o quilombo e ao resgate da memória heróica do bandeirante Domingos Jorge Velho, reconhecido oficialmente pela destruição do assentamento palmarino. Sua narrativa cronológica dos feitos militares contra o assentamento pernambucano, *As Guerras nos Palmares*¹², identifica os palmarinos como “negros inferiores” que ousaram lutar contra o poder “racional” de seus senhores. Leitor de teorias evolucionistas em voga na Europa, Ennes agradece ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) pelo “valioso” trabalho de construção de um dos maiores arquivos históricos sobre o Quilombo de Palmares¹³.

A criação desse arquivo do IHGB, segundo Ennes, teria sido motivada por um medo que rondava o país: o “perigo enorme da renovação desta rebeldia, podendo tornar-se gravíssimo com as enormes aglomerações de cativos provocadas pela mineração de ouro e depois pela lavoura de café”¹⁴. Temendo as ações dos escravos e negros libertos, o IHGB teria optado por melhor conhecer ações “perigosas” contra a tranqüilidade nacional, entre elas, a formação de quilombos. Apesar das constantes aclamações do arquivista paulista sobre o trabalho do IHGB, a Instituição publicou em sua revista apenas um texto sobre o Quilombo de Palmares.

Escrito pelo diplomata Rodrigo de Souza da Silva Pontes, e publicado na Revista do Instituto, em 1841, o texto, de quatro páginas, visava à comprovação da importância do conhecimento geográfico na determinação da veracidade de um relato histórico. O autor recorre aos documentos produzidos sobre o quilombo entre os séculos XVII e XVIII para ressaltar as divergências existentes entre eles:

¹² Ennes, Ernesto, *As Guerras nos Palmares*, Op. Cit.

¹³ Ennes, Ernesto, *As Guerras nos Palmares*, Op. Cit..

¹⁴ Ennes, Ernesto, *As Guerras nos Palmares*, Op. Cit, p. 3

“Oferecerei (...) o que parece achar-se de contraditório nos escritos de Brito Freire, Barleu, e Rocha Pitta acerca da famosa povoação ou povoações que deram nome à guerra de Palmares”¹⁵. Essas narrativas traziam informações variadas quanto ao número de povoações e habitantes, espaço geográfico ocupado e tempo de duração do assentamento quilombola. Pontes não justifica as divergências documentais. Conclui, que os cientistas precisam deter conhecimentos geográficos para julgar quais destes documentos apresentam dados fidedignos.

O silêncio do IHGB sobre o Quilombo de Palmares, contrastado com a intensa propaganda dessa sociedade de intelectuais feita por Ennes, configura-se como opção significativa para a construção da memória nacional. A Instituição, fundada em 1838 no Rio de Janeiro, tinha como inspiração o *Institut Historique* de Paris (1834) e contava com a proteção do Imperador Dom Pedro II, ou seja, do governo brasileiro. Seu objetivo, registrado em estatuto, centrava-se na coligação e preparação dos materiais necessários para a História e Geografia do Brasil; História com grandes heróis homens, brancos, cristãos e súditos do Imperador.

A ciência histórica deveria funcionar como elemento moralizante e, em especial, criadora de sentimentos de fidelidade à pátria. Carlos Frederico de Martins, membro do IHGB, declara em 1844: “A História é mestra, não somente no futuro como também no presente. Ela pode difundir entre os contemporâneos sentimentos e pensamentos (...) sobre o patriotismo”¹⁶. A criação e solidificação de sentimentos cristãos e monárquicos, por esse caminho, resultavam na instauração de identidade específica para o país que não comportava “desvios”, entre eles, os “cativos”. Como

¹⁵ Pontes, Rodrigo de Souza da Silva, “Quaes os meios de que se deve lançar mão para obter o maior número possível de documentos relativos à História e Geographia do Brasil?”, *Revista Trimestral de História e Geografia*, IHGB, 1841, p.151.

¹⁶ Martins, Carlos Frederico de, *Revista Trimestral de História e Geografia*, IHGB, 1844.

resultado da política nacionalista, as narrativas construídas pelo IHGB, seguindo uma linha romântica, centravam-se no resgate cronológico dos feitos de portugueses e indígenas cristãos que teriam construído o Brasil. Uma história que silencia a existência de conflitos dentro da nação. Palmares é assim silenciado: forma-se um acervo documental para conhecê-lo, mas não para divulgá-lo.

Junto à instauração da “República dos Estados Unidos do Brasil”, no final do século XIX, outras questões sobre a identidade do povo brasileiro chamavam a atenção dos intelectuais no país. Muitos humanistas se perguntavam “somos o que fomos?” Onde estaria nossa herança cultural? O que causou a diferença entre a “nossa cultura” e a “cultura européia”? Com o que nos parecemos? Almejava-se uma explicação para o funcionamento da cultura brasileira e os elementos que diferenciaram o país das nações do Velho Mundo¹⁷.

Naquele contexto, temas relacionados à escravidão e cultura negra destacaram-se como possibilidades de pesquisas originais por dois motivos: em primeiro lugar, a escravidão negra implementada no Brasil não se assemelhava a possíveis formas de escravidão na Europa, tornando-se, por isso, um fator de diferenciação entre o Velho e o Novo Mundo e até entre países da América, como Brasil e Estados Unidos. Soma-se a isso a localização temporal dos temas: a escravidão seria própria à História Colonial do Brasil, estando, por isso, na “origem” da formação cultural do Brasil. Entender a escravidão seria entender o povo brasileiro.

A mudança nos estudos sobre escravidão, que era percebido, no início do século XX, como de crucial importância para a percepção do povo brasileiro, alterou

¹⁷ Gustavo Tuna, *Gilberto Freyre: entre tradição e ruptura*, Cone Sul, São Paulo, 2000, p.21

as visões sobre o Quilombo de Palmares. O antropólogo Nina Rodrigues, foi um dos primeiros pesquisadores a propor uma “investigação científica” sobre a formação dos quilombos e costumes que seriam “tipicamente africanos”¹⁸ no Brasil. O pesquisador desenvolveu um método comparativo das “culturas negras” para chegar às suas conclusões; selecionava alguns “aspectos culturais” da comunidade quilombola (religião, alimentação, vestimentas, entre outros itens) e os comparava com as práticas de comunidades africanas.

Através da comparação, Rodrigues concebeu o quilombo como uma resposta contra-aculturativa dos negros escravos. Ter-se-ia uma equação na qual os negros, envoltos pela “cultura branca” da sociedade colonial brasileira (representada pelos portugueses e por outros colonos com hábitos europeus), se aproximariam para defender a “tradição”, representada pelas práticas “originalmente” africanas. Palmares, nas narrativas de Rodrigues, passa a simbolizar o exemplo duradouro e “mais expressivo” da continuidade cultural africana, sendo, por isso, o maior representante da “cultura afro” no Brasil.

Seguindo a nova linha de estudos sobre escravidão inaugurada por Nina Rodrigues, o folclorista Arthur Ramos procurou traçar as origens e os padrões culturais dos negros em toda a América. Utilizando-se da mesma metodologia comparativa de Rodrigues, Ramos visava a relacionar cada quilombo nas Américas a um determinado local na África. Esses traçados, acreditava o pesquisador, possibilitariam a reflexão acerca dos costumes e, principalmente, das diferenças entre os assentamentos de quilombolas.

¹⁸ Rodrigues, Nina, *Os africanos no Brasil*, Nacional, São Paulo, 1932.

Como conclusões, o autor afirma que os escravos do Novo Mundo vivenciaram o processo de “aculturação negra”, formado pela “adaptação” e “reação cultural”. A adaptação restringir-se-ia às combinações entre “as culturas negras” e os padrões “da cultura branca”, extinguindo-se, portanto, as “purezas originais”. Define-se como “cultura negra” o conjunto de crenças e ações dos negros africanos ou nascidos na antiga colônia. “Cultura branca”, por outro lado, seria o conjunto das práticas quotidianas – que envolvem ações e crenças – dos europeus e seus descendentes no Brasil. Simultaneamente ao processo de adaptação poderia ocorrer a “reação”; casos em que as culturas negras reagiam, mais ou menos violentamente, à aceitação dos traços de “outras culturas”, principalmente aos provenientes da “cultura dos brancos”¹⁹. Dentro dessas perspectivas matemáticas de combinações entre culturas “puras”, negras e brancas, Palmares consagra-se como exemplo de preservação das características afro-brasileiras.

O vocabulário de Ramos também é empregado pelo soteropolitano Edison Carneiro, estudioso dos cultos religiosos africanos no Brasil. Com a obra *O Quilombo de Palmares*, análise da organização política, econômica, militar e social do assentamento²⁰, o autor consagrou-se como grande pesquisador do quilombo palmarino. Sua narrativa, descritiva e cronológica, alicerça Palmares sobre a hipótese de “reafirmação da cultura e do estilo de vida africano”. Continua-se, próximo a Rodrigues e Ramos, dentro da lógica binária de “cultura negra” frente à “cultura branca”. Essas culturas seriam passíveis, em alguns momentos, de “misturas”, sem por isso, perder seus “traços originais”, ou, suas “essências”. É interessante

¹⁹ Ramos, Arthur, *As Culturas Negras no Novo Mundo*, Nacional, São Paulo, 1946, p.246-247

²⁰ Carneiro, Edison, *O quilombo de Palmares*, Nacional, São Paulo, 1958.

destacar que a simbologia de “pureza racial negra” não era, necessariamente, bem vista entre os estudiosos da década de 1930 que se inspiravam no evolucionismo europeu. Edison Carneiro reforça, por exemplo, que entre todas as reações dos escravos, a mais geral era o quilombo, “uma reação negativa – de fuga, de defesa. Era a reação mais simples”²¹. As leituras realizadas sobre o Quilombo de Palmares fundam-se na certeza da existência da “fraqueza cultural negra”; conceitos que serão bastante alterados nas décadas posteriores a 1950.

Os anos que se seguiram ao final da Segunda Guerra Mundial assistiram a organizações humanistas, dentro dos mais diversos países, questionarem a noção de raça e as desigualdades entre seres humanos, em especial, homens e mulheres. Enquanto, na França, o antropólogo Claude Lévi-Strauss²² publicava seus estudos sobre a nocividade do conceito de raça, nos Estados Unidos da América nasciam as manifestações do movimento negro e dos direitos civis. A possibilidade de se pensar o negro como inferior era vagarosamente questionada e, no Brasil, isso significaria uma alteração nas visões sobre o Quilombo de Palmares, mesmo que essas novas visões se mantivessem racializadas²³.

Paralelamente às críticas sobre a “superioridade” e “inferioridade” racial, os países da América Latina sofriam um duro golpe contra suas democracias. Dentro da lógica da Guerra Fria, os EUA apoiaram a instauração de ditaduras militares contra os “perigos comunistas”. Em 1964, os militares chegaram ao poder no Brasil e, com eles, outras censuras, perseguições políticas, torturas e assassinatos. O Quilombo de

²¹ Carneiro, Edison, *O quilombo de Palmares*, Op. Cit., p.2

²² Lévi-Strauss, Claude, *O Pensamento Selvagem*, Nacional, São Paulo, 1970.

²³ Sobre o pensamento “racializado” consultar: Gilroy, Paul, *Against Race - A Review*, Cambridge: Harvard University Press, 2000 e Marinho, Célia Maria, *Cotas Raciais e Universidade Pública Brasileira: uma reflexão a luz da experiência dos Estados Unidos*, Projeto História Natureza e Poder, São Paulo, 2001.

Palmares, dentro desses contextos, passou a ser lido como o símbolo máximo de liberdade humana e luta contra a opressão; um exemplo histórico que mostrava a possibilidade de embate contra a ditadura militar. Nesse sentido, Zumbi, o líder do quilombo palmarino, foi constituído por diversos intelectuais como herói, oposição binária aos generais que estavam no poder do país.

Trilhando os caminhos da “história dos vencidos” de Walter Benjamin, Benjamim Péret, surrealista francês, foi pioneiro nos estudos sobre Palmares ao destacar os “aspectos positivos” da “cultura negra”. Residindo no Brasil desde 1929, o estudioso dos cultos afro-brasileiros afirmava a originalidade religiosa do quilombo em detrimento da tese vigente no país sobre o predomínio do catolicismo entre as comunidades negras. Em um artigo publicado na revista *Anhembi*, em 1956, Péret afirmava: “concluir que eram católicos é esquecer que, hoje ainda, a macumba e o candomblé começam na igreja, que a missa constitui o prefácio obrigatório da imensa maioria das cerimônias religiosas negras”²⁴. Defendendo o quilombo como luta de homens pelas suas liberdades, “Péret abria as portas para outras vozes sobre Palmares, no espírito humanista que sobreveio ao Pós-Guerra”²⁵.

O historiador Clóvis Moura, munido mais das teorias sociológicas do que das antropológicas, na via da construção de heróis, baseando-se em documentos contemporâneos ao quilombo e nas obras de Edison Carneiro e Arthur Ramos, almejava restaurar a verdade sobre o Quilombo de Palmares e corrigir os erros cometidos pelas historiografias anteriores²⁶, que desconsideraram as ações negras

²⁴ Péret, Benjamim, “Que foi o Quilombo de Palmares?”, *Revista Anhembi*, ano 6, vol. 22, n.65, 1956.

²⁵ Funari, Pedro Paulo A., CARVALHO, Aline Vieira de, *Palmares, ontem e hoje*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005 (no prelo).

²⁶ Moura, Clóvis, *Rebeliões da Senzala – Quilombos, Insurreições, Guerrilhas, Conquista*, Rio de Janeiro, 1972.

contra a opressão branca, criando um mito de harmonia social. O autor afirma o assentamento quilombola como ação própria ao regime escravista, sustentado pela exploração da classe social dos negros. O quilombo, apesar de ter sido criado pelo sistema de escravidão, configurar-se-ia como a chave para a destruição da economia colonial. A exploração levaria alguns escravos à consciência de seu papel social revolucionário e, recuperando a dignidade humana, os novos lutadores conquistariam uma sociedade justa. Aqueles que optassem pela resignação, escravos “passivos”, ocupariam um estágio “inferior” na consciência revolucionária. Narrando, de forma minuciosa, os castigos sofridos por escravos no Brasil colonial, Moura construía homens fortes e “conscientes”; guias para as ações durante a ditadura militar brasileira.

O advogado gaúcho Décio Freitas, próximo às análises de Moura, investigou Palmares a partir das relações entre base e superestrutura. Para ele, os escravos são, pela ausência de coesão social, como proletários débeis, sem força. Esse estágio, bastante inferior na consciência dos papéis sociais a serem desenvolvidos, é superado quando “os negros” lutam contra a “opressão branca”²⁷. O Quilombo de Palmares, nessa linha de desenvolvimento da “consciência revolucionária”, torna-se um exemplo concreto da “capacidade organizacional negra”. O assentamento seria a “Ilíada Negra” brasileira; referência à narrativa construída por Homero sobre a formação da Grécia Clássica. Aproximação bastante oportuna para Freitas, que insere o quilombo palmarino em valores caros às elites brasileiras, como a “cultura clássica”, representada por Grécia e Roma. Ao mesmo tempo, o autor demonstra “deter” esses valores, pertencendo também à “elite econômica e cultural” do país. Por

²⁷ Freitas, Décio, *Palmares – A Guerra dos Escravos*, Graal, Rio de Janeiro, 1978.

último, através da comparação realizada pelo advogado, podemos concluir que assim como Homero escreveu a *Iliada*, Freitas narrou *Palmares*; obra consagrada pelas academias com tradições de pensamento cristão ocidental.

Contemporâneo a Moura e Freitas, Abdias do Nascimento, intelectual afro-brasileiro, como ele próprio se definia, exaltava *Palmares* como exemplo heróico dos negros no Novo Mundo. Defensor do pan-africanismo imediato, o autor defendia o quilombo como exemplo a ser, orgulhosamente, repetido. Para ele, *Palmares* e os “300 milhões de africanos, assassinados por escravistas, invasores, opressores, racistas, estupradores, saqueadores, torturadores e supremacistas brancos; deveria inspirar os” deveriam servir de inspiração “aos jovens negros do Brasil e do mundo, na esperança de que continuem a luta por um tempo de justiça, liberdade e igualdade onde estes crimes não possam jamais se repetir”²⁸.

Com a abertura política no Brasil, na década de 1980, *Palmares* deslocou-se dos campos das lutas pelas liberdades no regime militar para ocupar novas identidades. Acompanhando as explosões temáticas abertas pela historiografia da escravidão, que propunham, além das pesquisas sobre dominantes e dominados, investigações sobre as famílias, mulheres, alimentações, entre outras, o quilombo palmarino passou a despertar paixões por suas inúmeras faces. Como um exemplo de diversidade de estudos sobre o quilombo, a obra *Liberdade por um Fio*²⁹, organizada em 1996 pelos historiadores João José Reis, professor da Universidade Federal da Bahia, e Flávio dos Santos Gomes, então professor da Universidade Federal do Pará, reúne pesquisadores de universidades nacionais e internacionais.

²⁸ Nascimento, Abdias, *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*, Petrópolis, Vozes, 1980, p.11.

²⁹ Gomes, Flávio S. e Reis, João José (orgs), *Liberdade por um fio*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

Entre os capítulos, podemos encontrar análises das concepções que os jesuítas tinham sobre Palmares e como as idéias desse grupo de religiosos foram usadas contra o assentamento de escravos fugidos³⁰; estudo das estratégias de repressão utilizadas pelas autoridades coloniais contra os quilombolas³¹; investigação sobre o poder da figura de Santo Antônio como protetor dos combatentes palmarinos³²; projetos políticos e alianças almejadas, e algumas vezes conquistadas, pelos quilombolas pernambucanos³³. Têm-se, também, estudos dos remanescentes quilombolas no Suriname, para a execução de um exercício imaginativo sobre como Palmares seria atualmente³⁴.

Paralelo aos estudos apresentados em *Liberdade por um fio*, e inserido nos contextos das lutas pelos direitos dos homossexuais, tem-se a tese de que Zumbi, reconhecido oficialmente como líder do quilombo, era “gay”, formulada pelo antropólogo Luiz Mott. Tal afirmação causou grande alvoroço na sociedade brasileira, principalmente dentro do “movimento negro”, que, como instituição, resolveu processar o pesquisador por difamação de um herói nacional. A ação de Mott e a reação do movimento negro são bastante significativas quando se analisa a importância da identidade baseada no gênero para o Brasil. Independente das metodologias empregadas por Mott em suas pesquisas, a idéia de um “homossexual” como herói surge como uma agressão a determinados grupos, que compartilhando

³⁰ Vainfas, Ronaldo, “Deus contra Palmares: representações senhoriais e idéias jesuíticas”, in: *Liberdade por um fio*, Op. Cit.

³¹ Lara, Silvia, “Do singular ao plural: Palmares, capitães-do-Mato e o governo dos escravos”, in: *Liberdade por um fio*, Op. Cit.

³² Mott, Luiz, “Santo Antônio, o divino Capitão do Mato”, in: *Liberdade por um fio*, Op. Cit.

³³ Guimarães, Carlos Magno, “Mineração, quilombos e Palmares: Minas Gerais no século XVIII”, in: *Liberdade por um fio*, Op. Cit.

³⁴ Price, Richard, “Palmares como poderia ter sido”, in: *Liberdade por um fio*, Op. Cit.

de outras identidades, buscam nos processos jurídicos a solução para os desentendimentos sobre as definições de si próprio e dos outros³⁵.

Por outro viés político, Gomes e Reis, abordam um outro Palmares. Descentrados da figura de Zumbi, os pesquisadores procuram reavaliar o papel de Ganga-Zumba no tratado de paz proposto pelos quilombolas aos portugueses em 1678. Esse tratado, pouco enfatizado na história, teria sido o motivo da discórdia entre Ganga-Zumba, chefe militar e político do quilombo, e Zumbi, também expoente militar do assentamento. Zumbi, contrário aos acordos de paz entre autoridades coloniais e fugitivos, teria tomado o poder de Palmares e determinado a luta pela “liberdade”. Pouco se sabe, ainda, sobre Ganga-Zumba e suas propostas, a princípio, apaziguadoras³⁶.

É interessante destacar que as historiografias que surgem após a década de 1980 partem dos estudos de Ernesto Ennes, Artur Ramos, Edison Carneiro, Clóvis Moura, Décio Freitas e Abdias do Nascimento para construir suas novas hipóteses. Por isso, escolhemos, nessa introdução, centrarmos nos discursos produzidos entre os anos de 1920 e 1980 para entender as narrativas arqueológicas e históricas posteriores. Apesar dos diversos pais de Palmares, o objetivo dessa pesquisa não é a trajetória das interpretações do Quilombo ao longo do tempo; a relação entre seus autores e contextos. Busca-se, ao contrário, analisar discursos recentes, inaugurados na década de 1990, e específicos, sobre o assentamento palmarino: as narrativas da Arqueologia Histórica.

³⁵ As polêmicas sobre a sexualidade de Zumbi foram divulgadas pela revista *Isto É* e encontram-se no endereço eletrônico: <http://www.terra.com.br/istoegente/43/reportagens/>.

³⁶ As novas investigações de Reis e Gomes foram divulgadas pela *Folha On-line - Brasil 500 anos* (endereço eletrônico: <http://www1.uol.com.br/fol/brasil500>).

1,3: Palmares da Arqueologia Histórica.

Os discursos arqueológicos apresentam, como singularidade, a análise da documentação material, ou seja, a “totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico”³⁷. Essa documentação possibilitaria a análise das vidas cotidianas de pessoas que não necessariamente dominaram a escrita e, por isso, abriria caminhos para o estudo das ações de diferentes homens, mulheres e crianças com identidades variadas. Soma-se a esse aspecto, segundo o arqueólogo inglês Mathew Johnson, a possibilidade do estudo minucioso das relações sociais e de como elas seriam mantidas e transformadas³⁸.

A Arqueologia Histórica destaca-se no vasto “campo arqueológico” por apresentar a mescla de tipos documentais: escritos, iconográficos, cartográficos, produzidos em pequena ou larga-escala, entre outras inúmeras possibilidades. De acordo com os estudiosos argentinos Maria Ximena Senatore e Andrés Zarankin, as dificuldades em lidar com as especificidades documentais geraram, na década de 1970, aos debates iniciais acerca da Arqueologia Histórica, principalmente no continente Europeu e Norte-Americano³⁹. Por um lado, dentro da perspectiva historicista⁴⁰, considerava-se as evidências textuais e materiais complementares e dependentes. Assim, os problemas a serem investigados na cultura material eram determinados por fontes escritas, cabendo à Arqueologia confirmar ou não as

³⁷ Funari, Pedro Paulo A, *Arqueologia*, Editora Contexto, São Paulo, 2004, p.11.

³⁸ Johnson, Matthew, *Archaeological Theory*, Oxford, Blackwell Publishers, 1999

³⁹ Senatore, Maria Ximena e Andrés Zarankin, “Perspectivas Metodológicas em Arqueología Histórica. Reflexiones sobre la utilización de la evidencia documental”, *Páginas sobre Hispanoamérica Colonial*, n. 4, PRHISCO-CONICET, Buenos Aires, 1996-1997.

⁴⁰ Leone, M e P. Potter, *The Recovery of Meaning*, Smithsonian Institution Press, Washington D.C., 1988.

informações contidas em relatos históricos. Como consequência desta vertente, tinha-se uma relação de prova/verdade entre as fontes: se a Arqueologia, ferramenta auxiliar da História, confirmasse um documento é porque este continha uma verdade⁴¹.

Por outro lado, dentro da perspectiva arqueológica, as evidências documentais e materiais eram consideradas *corpora* de dados distintos, com estatutos epistemológicos independentes⁴². Ao contrário da abordagem historicista, os problemas definiam-se dentro das fontes arqueológicas⁴³, e os documentos textuais serviam para contextualizar o universo em que estavam inseridos os artefatos. A relação prova/verdade dissolvia-se na crença da subjetividade do pesquisador. Este, envolvido em um contexto cultural, poderia atribuir diferentes interpretações tanto à cultura material como aos documentos escritos⁴⁴.

Os debates teóricos desenvolvidos na Europa e Estados Unidos tiveram pouca repercussão no Brasil, principalmente pela existência da Ditadura Militar. Entre os anos de 1964 e 1985, as decisões políticas referentes à nação estavam concentradas nas mãos das forças armadas brasileiras. As pesquisas científicas realizadas dentro das universidades públicas eram direcionadas, direta e oficialmente, pelo Estado, conseqüentemente, pelos militares. A Arqueologia, como outras áreas da academia, dependente de financiamentos significativos para a realização dos trabalhos de campo e laboratoriais, ficou à mercê das novas decisões estatais.

⁴¹ Senatore, Maria Ximena e Andrés Zarankin. Op. Cit, p.3.

⁴² Senatore, Maria Ximena e Andrés Zarankin. Op. Cit, p.3.

⁴³ Rubertone, P., "Archaeology, Colonialism and 17th-century Native América: towards an alternative interpretation", in: *Conflict in the Archaeology of Living Traditions*, Editado por R. Layton, Londres, 1989, pp.32-45.

⁴⁴ Ucko, Peter J., "Archaeological interpretation in a world context", in: *Theory in Archaeology – a world perspective*, Routledge, London, 1995.

O regime optou pela implantação de uma Arqueologia desenvolvida nos Estados Unidos; país que se dedicava à atividade de combate aos comunistas e ao financiamento de regimes totalitários na América Latina. Com o apoio do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa), foi criado o PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica), que estava sob os cuidados dos arqueólogos Clifford Evans e Betty Meggers. Sediado no Smithsonian Institution, em Washington, Estados Unidos, o programa tinha como objetivo mapear todos os sítios pré-históricos existentes no território nacional. O instrumento para a escolha das pesquisas arqueológicas que deveriam obter “sucesso” era simples: o financiamento. Recebiam verbas (fator de extrema importância para a execução de um projeto arqueológico); os projetos “desinteressantes” eram encaminhados para as gavetas das escrivaninhas estatais ou para as investigações militares. O estudioso Paulo Duarte, por exemplo, que desenvolvia pesquisas de face humanista na década de 1950, foi aposentado compulsoriamente da Universidade de São Paulo em 1969⁴⁵.

Ao final de 1985, com a volta dos civis ao poder, os arqueólogos, em sua maioria vinculados às universidades públicas, experimentaram novamente a possibilidade de negociação para suas pesquisas. Os projetos, com temáticas variadas, eram apresentados às agências financiadoras, públicas e privadas, e aqueles que pudessem interessar ao patrocinador recebiam verbas. A abertura política, acompanhada pela composição da legislação patrimonial que previa trabalhos arqueológicos em áreas expostas a impactos ambientais (como construções de prédios

⁴⁵ Funari, Pedro Paulo Abreu, “Paulo Duarte e o Instituto de Pré-História: Documentos Inéditos”, *Revista Idéias*, IFCH – Unicamp, ano 1, número 1, janeiro/junho de 1994.

de escritórios, condomínios habitacionais, entre outros), possibilitou uma expansão quantitativa e, muitas vezes, qualitativa da investigação arqueológica no Brasil.

Os debates acerca da Arqueologia travados a partir dos anos de 1970 na Europa e nos Estados Unidos, chegaram ao Brasil com, pelo menos, uma década de defasagem. As propostas do estudo arqueológico dos “grupos subalternos”, bastante comuns, e criticadas, no velho continente, adquiriram popularidade entre alguns pesquisadores brasileiros, que se lançaram ao desafio de estudar através da cultura material diferentes aspectos de “grupos” indígenas e negros. Os diferentes estudos arqueológicos realizados no Quilombo de Palmares surgiram nesse contexto de abertura política e temática, arquitetando outras narrativas, não apenas embasadas nos documentos escritos sobre o assentamento palmarino.

O projeto de escavação desse sítio foi apresentado às agências financiadoras no início da década de 1990, por três estudiosos, de diferentes nacionalidades, que já haviam se destacado no estudo da Arqueologia e História da escravidão: Charles Orser Jr, arqueólogo norte-americano e professor da Universidade Estadual de Illinois; Michael Rowlands, africanista e arqueólogo britânico, e Pedro Paulo A. Funari, historiador e arqueólogo brasileiro, professor da Universidade Estadual de Campinas. O assentamento foi, posteriormente, escavado por Scott Joseph Allen, arqueólogo formado pela Universidade de Brown, nos Estados Unidos, e, atualmente, professor da Universidade Federal de Alagoas.

Por se configurar como um exemplo duradouro de resistência escrava na América, a investigação arqueológica sobre Palmares atraiu investimentos nacionais e internacionais. Os apoios científicos e financeiros vieram da *National Science*

*Foundation, National Geographic Society, Joint Committee on Latin American Studies of the Social Science Research Council, American Council of Learned Societies, National Endowment for the Humanities, Ford Foundation, British Academy, Universidade Estadual de Illinois, Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Alagoas, Museu Théo Brandão, e a prefeitura de União dos Palmares*⁴⁶.

Os resultados dos trabalhos arqueológicos foram publicados nas mais variadas revistas, algumas especializadas como a *World Archaeology*⁴⁷ e outras direcionadas a divulgação, como a *Superinteressante*⁴⁸. Apesar dos quatro arqueólogos terem participado simultaneamente na pesquisa sobre Palmares, as narrativas que esses autores construíram sobre o Quilombo foram, de forma significativa, diferentes entre si. As divergências, centradas no campo conceitual e nos estilos narrativos, constituíram-se como o ponto de partida para a elaboração dessa dissertação de mestrado.

⁴⁶ *A Historical Archaeology of Modern World*, Plenum Press, New York, 1996

⁴⁷ Charles E. Orser, Jr. and Pedro P. A. Funari, “Archaeology and Slave Resistance and Rebellion”, *World Archaeology*, Londres, 33, 2001: 61-72

⁴⁸ Reportagem de Cadu Ladeira e Marcelo Affini, “Palmares: cem anos de sonho”, in: *Revista Superinteressante*, ano 7, n.9, setembro de 1993, Editora Abril.

Capítulo 2: As possibilidades abertas pela Arqueologia Pós-Processual

2,1: Arqueologia da Etnicidade e a construção de Palmares Plural

“(…) Escavar heróis é tarefa particularmente difícil.”

Pedro Paulo A. Funari.⁴⁹

2,1,A: Ficha Informativa

Autor: Pedro Paulo Abreu Funari

Nacionalidade: Brasileiro

Orientação Teórica: Arqueologia Pós-Processual

Conceitos usados para o estudo do Quilombo de Palmares: Arqueologia Histórica, Arqueologia como Política, Etnicidade e Palmares Plural

Palmares Construído: Palmares é apresentado como um espaço onde as identidades, fluídas, podem ser determinadas apenas com um fim analítico, ou seja, didático. Espaço democrático e, principalmente, modelo para uma possível alteração da sociedade atual

Trabalhos publicados com referências ao Quilombo de Palmares: *Arqueologia*, Editora -Ática, São Paulo, 1988; “A Arqueologia de Palmares, Sua contribuição para a história da cultura afro-americana”, in: *Studia Africana*, Publicació del centre d’estudis africans-barcelona, 1998, pp. 175-188; Arqueologia de Palmares, Carta, Brasília, Senado Federal, 7, 62-63, 1995; “A Arqueologia e a Cultura Africana nas

⁴⁹ Funari, Pedro Paulo A, “A Arqueologia de Palmares, Sua contribuição para a história da cultura afro-americana”, in: *Studia Africana*, Publicació del centre d’estudis africans-barcelona, 1998, p. 186.

Américas", in: *Estudos Ibero – Americanos*, PUCRS, v. XVII, n.2, p. 61-71, dezembro de 1999; "A cultura material de Palmares: o estudo das relações sociais de um quilombo pela Arqueologia, *Idéias*, São Paulo, FDE, 27, 37-42., 1996; "Arqueología e História. Arqueología Histórica Mundial y de América del sur" in: *Annales de Arqueología y Etnología*, (FFyL – UN de Cujo), 50-51, 109-132, 1995-1996; "Algumas contribuições do estudo da cultura material para a discussão da história da colonização da América do Sul", in: *Tempos Históricos*, M. C. Rondon, nº1, vol.01, p.11-44, Mar/1999; "A 'República de Palmares' e a Arqueologia da Serra da Barriga", in: *Povo Negro*, Revista USP, São Paulo (28), Dezembro/ Fevereiro – 95/96; "Historical archaeology from a world perspective", in P.P.A Funari, M. Hall & S. Jones (eds), *Historical Archaeology, Back from the edge*, Londres, Routledge, 37-66, 1999; "Contribuições da Arqueologia para a interpretação do Quilombo dos Palmares", in: *Fronteiras: Revista de História*, Campo Grande, MS, 3(6): 79-90, Julho/Dezembro,1999; "Etnicidad, identidad y cultura material: un estudio del Cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII", in A. Zarankin & F.A. Acuto (eds), *Sed non satiata, Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea*, Buenos Aires, Ediciones del Tridente, 77-96; "Maroon, race and gender: Palmares material culture and social relations in a runaway settlement", In P.P.A Funari, M. Hall & S. Jones (eds), *Historical Archaeology, Back from the edge*, Londres, Routledge, 308-327. 1999; "Novas perspectivas abertas pela Arqueologia na Serra da Barriga", in: *Negras Imagens*, Lilia Moritz Schawarcz e Letícia Vidor de Souza Reis (orgs), Edusp, São Paulo, 1996; "O Amadurecimento de uma Arqueologia Histórica Mundial", in: *Revista de História*, Departamento de História da USP, n.135, 2. Semestre de 1996; "O Estudo Arqueológico de Palmares e a

Sociedade Brasileira”, in: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, USP, São Paulo, 20-21: 93-103, 1997/1998; Pedro Paulo A. Funari e Aline Carvalho, *Palmares: Ontem e Hoje*, Editora Zahar (previsão de lançamento: maio/2005); Pedro Paulo A. Funari e Charles E. Orser Jr., “Pesquisa arqueológica inicial em Palmares”, *Estudos Ibero-Americanos*, 18,2, 53-69, 1992; “Public archaeology from a Latin Perspective”, *Public Archaeology*, London, 1, 4, 2001, 239-243; *The Archaeological study of the African Diaspora in Brazil: some ethnic issues*, in: World Archaeological Congress Intercongress on the African Diaspora, April 23-29, 2001, Curaçao; Charles Orser Jr. e Pedro Paulo A. Funari, “Archaeology and Slave Resistance and Rebellion”, *World Archaeology*, 33, 2001: 61-72, p.2.

2,1,B: O material analisado

As escavações arqueológicas realizadas na Serra da Barriga, nos anos de 1992 e 1993, foram dirigidas pelo arqueólogo Pedro Paulo Abreu Funari. Dos trabalhos arqueológicos resultou uma série de publicações tanto sobre a cultura material de Palmares como sobre a teoria e prática arqueológica. Centraremos-nos, nessa dissertação, em algumas publicações com o objetivo de compreender a opção teórica realizada pelo autor e, principalmente, o Quilombo de Palmares construído no interior da Arqueologia por ele escolhida. A obra *Arqueologia*, cuja referência encontra-se na *Ficha Informativa* do autor e na *Bibliografia* da dissertação, publicada originalmente antes dos trabalhos arqueológicos de Palmares, e re-editada no ano de 2004, embasou as observações sobre as concepções teóricas de Funari.

Os artigos “A Arqueologia e a Cultura africana na América”, “A ‘República de Palmares’ e a Arqueologia da Serra da Barriga”, “A Arqueologia de Palmares, sua contribuição para a história da cultura afro-americana”, “Conflict and the Interpretation of Palmares; a brazilian runaway polity”, “Historical archaeology from world perspective”, “Novas perspectivas abertas pela Arqueologia da Serra da Barriga”, “O estudo arqueológico de Palmares e a Sociedade Brasileira” e “Public Archaeology from a latin american perspective”, cujas referências também estão na *Ficha Informativa* do autor e *Bibliografia*, fundamentam nossas observações sobre a Arqueologia do Quilombo de Palmares.

A seleção dos artigos foi norteada pelos conceitos apresentados em cada um deles que, no momento da elaboração da presente dissertação, julgamos necessários: buscamos as definições, através do próprio autor, de Arqueologia e da Arqueologia do Quilombo de Palmares. A análise não levou em consideração os anos em que foram produzidas as narrativas, mas o conjunto de suas idéias. Almejamos valorizar as continuidades teóricas nas produções de Funari que, atualmente, é professor de Arqueologia e História Antiga, na Universidade Estadual de Campinas.

2,1,C: Arqueologia da Etnicidade

“Estudo dos sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformação com o decorrer do tempo, a partir da totalidade material transformada

e consumida pela sociedade”⁵⁰; com essas palavras, Funari define Arqueologia. Os trabalhos de campo realizados na Serra da Barriga, no entanto, estariam inseridos em uma área de estudo específica da ciência arqueológica. Trata-se da Arqueologia Histórica. A delimitação da Arqueologia Histórica, seus campos prático e teórico é realizada através de três vertentes: objetos de estudo, fontes para a pesquisa, e instrumentos teóricos para a leitura das fontes analisadas.

A Arqueologia Histórica dedicaria-se aos estudos dos “problemas associados ao capitalismo, em particular, aqueles cujos acessos privilegiados ou únicos se dão através da cultura material”⁵¹. Nesse sentido, a área se concentraria nos exames de temas como colonialismo, imperialismo, industrialização, luta de classe e formações sociais, entre outros, ligados diretamente ao capitalismo. Os documentos para essa Arqueologia, justamente pela amplitude do campo de pesquisa, não se restringem ao universo material ou, de forma exclusiva, às fontes escritas oficiais (que também são concebidas como materiais, porém, possuem formas específicas de leituras). Tem-se, em sentido oposto, uma convergência de categorias documentais; a escrita e a material.

A aproximação de categorias documentais distintas é possível pelo fato dos documentos pertencerem ao mesmo universo cultural, o que não permite que haja homologação de um tipo documental pelo outro⁵². Nesse viés teórico, a utilização das fontes materiais para confirmar informações textuais, ou vice-versa, acabaria resultando em um “falseamento de ambas as categorias documentais”⁵³.

⁵⁰ Funari, Pedro Paulo A, *Arqueologia*, Op. Cit., p. 9.

⁵¹ Funari, Pedro Paulo A, “A Arqueologia e a Cultura Africana nas Américas”, in: *Estudos Ibero – Americanos*, PUCRS, v. XVII, n.2, p. 61-71, dezembro de 1999, p.64.

⁵² Funari, Pedro Paulo A, *Arqueologia*, Op. Cit., p. 31-33.

⁵³ Funari, Pedro Paulo A, *Arqueologia*, Op. Cit., p. 31-33.

Nessa perspectiva, as possibilidades de leitura da cultura material são tão diversas quanto as respostas propostas para os problemas encontrados, por isso, a necessidade de estruturar teoricamente os caminhos que serão percorridos pela ação arqueológica. Essa estrutura teórica, frente ao imenso número de possibilidades de leituras sobre as categorias documentais distintas, deve ser realizada através de uma mobilização de conhecimentos variados⁵⁴. Assim, as pesquisas realizadas no interior da Arqueologia Histórica não deveriam se embasar apenas no conhecimento da História ou Antropologia, mas sim, poderiam ser construídas por muitos, e específicos conhecimentos. Quanto mais plural a formação da Arqueologia Histórica, melhor seria a variedade e complexidade das abordagens sobre o campo escavado.

O Quilombo de Palmares é investigado sob as lentes da Arqueologia Histórica. Ao invés de se estudar, no entanto, o colonialismo, imperialismo, industrialização, luta de classe e formações sociais no assentamento, é priorizado o entendimento acerca da formação das identidades no espaço quilombola. Para a Arqueologia da Etnicidade, como chamaremos essas pesquisas sobre as múltiplas identidades do assentamento palmarino, o quilombo da Serra da Barriga representa a possibilidade de um espaço autônomo de construção da identidade negra.

Os escravos fugidos que passaram a morar no quilombo estariam longe da autoridade de seus senhores brancos e, por isso, experimentariam a liberdade de forjar suas próprias identidades. Por esse caminho interpretativo, os vestígios materiais do quilombo permitem um recorte, um acesso à cultura específica e autarquicamente afro no cotidiano dos africanos que se rebelaram contra o escravismo. Pensar em “cultura afro”, no interior da Arqueologia da Etnicidade, é um

⁵⁴ Funari, Pedro Paulo A, *Arqueologia*, Op. Cit., p.22.

exercício que deve ser realizado com cautela, pois ele não deve significar a “idealização da cultura quilombola como desprovida de hierarquias e relações interiores conflituosas”⁵⁵. Acrescenta-se a essa observação, que a correlação entre a cultura quilombola à “identidade afro” possui apenas um caráter analítico e arbitrário das distinções culturais⁵⁶. O Quilombo de Palmares apresenta inúmeras possibilidades de interação entre grupos sociais.

2,1,D: Leituras para a Pluralidade

As interações sociais no assentamento palmarino são arquitetadas através de leituras arqueológicas, históricas, geográficas e etnográficas dos documentos escritos e da cultura material⁵⁷. Os documentos escritos, pesquisados sob o viés da Arqueologia da Etnicidade, podem ser organizados em seis grupos temáticos: 1) *a historiografia sobre o quilombo de Palmares*, com nomes como Abdias do Nascimento, Arthur Ramos, Clóvis Moura, Décio Freitas e Edison Carneiro; 2) *historiografia sobre escravidão e sobre “o negro” no Brasil*, e aqui encontramos a menção a Carlos Magno Guimarães, Ciro Flamarion Cardoso, Florestan Fernandes, Margareth Bakos, Robert Slenes, Sérgio Buarque de Holanda, Lilia M. Schwartz, entre outros; 3) *historiografia estrangeira sobre escravidão e sobre “o negro”*, com H. Aptheker, D. Davidson, E. Genovese, J. Glassman; D. Goldsteins, entre outros; 4) *trabalhos arqueológicos sobre*

⁵⁵ Funari, Pedro Paulo A, “A Arqueologia e a Cultura Africana nas Américas”, in: *Estudos Ibero – Americanos*, PUCRS, v. XVII, n.2, p. 61-71, dezembro de 1999.

⁵⁶ Funari, Pedro Paulo A, “A Arqueologia e a Cultura Africana nas Américas”, in: *Estudos Ibero – Americanos*, PUCRS, v. XVII, n.2, p. 61-71, dezembro de 1999.

⁵⁷ Funari, Pedro Paulo A, “A ‘República de Palmares’ e a Arqueologia da Serra da Barriga”, in: *Povo Negro*, Revista USP, São Paulo (28), Dezembro/ Fevereiro – 95/96, p.8.

Palmares, com Michael Rowlands, Charles Orser e Scott Joseph Allen; 5) *leituras em teoria arqueológica*, com Martin Bernal, D. W. Babson, Sian Jones, S. Shennan, Bruce Trigger, Peter Ucko, e assim por diante; e 6) *temas afins*, com estudos sobre cultura popular, escravidão na Antiguidade Clássica, museus e patrimônios históricos, teoria da História, educação no Brasil, ensino na América Latina, entre outros.

Essas narrativas são confrontadas com a cultura material palmarina. De acordo com a leitura da Arqueologia da Etnicidade, três tipos de cerâmicas puderam ser observados em Palmares: européia, indígena e local. A primeira, identificada como *européia*, é caracterizada principalmente por faianças. Sua presença em Palmares poderia ser explicada pelas interações entre quilombolas e diversos outros grupos sociais habitantes do Brasil colonial e holandês; fosse essa relação amigável ou não.

Em segundo lugar, tem-se a cerâmica Tupinambá. A presença de artefatos indígenas no sítio arqueológico poderia indicar uma interação intensa entre os nativos e os escravos fugidos.

É possível pensar em uma “cultura do cotidiano” quilombola que mesclava elementos culturais distintos, produzindo novos costumes e referências. A criação de um universo cultural novo seria materialmente comprovada pela presença de cerâmica torneada local; que simbolizaria a mescla existente em Palmares⁵⁸ e configura-se como a terceira categoria de artefato encontrado no sítio da Serra da Barriga.

Embasando-se nos argumentos do africanista Joseph C. Miller, a Arqueologia da Etnicidade esquadrinha as culturas do Novo Mundo, em particular a do

⁵⁸ Funari, Pedro Paulo A, “Novas perspectivas abertas pela Arqueologia na Serra da Barriga”, in: *Negras Imagens*, Lilia Moritz Schawarcz e Letícia Vidor de Souza Reis (orgs), Edusp, São Paulo, 1996, p.146/147.

Quilombo de Palmares, como mais americanas do que africanas, indígenas ou européias. Esses três universos culturais, que não são homogêneos em seu interior, estão presentes no cotidiano quilombola. A especificidade do assentamento, no entanto, encontra-se no fato de ser americano. É necessário acrescentar que a cultura é definida, dentro da Arqueologia da Etnicidade, como um processo, passível de ser analisado historicamente, no qual as pessoas envolvem-se ativamente para a criação, ou mesmo modificação, de determinadas identidades⁵⁹.

A intensidade dessa criação cultural, nessa perspectiva teórica, não seria possível de ser prevista, justamente pela limitação da cultura material que não refletiria diretamente uma identidade étnica; citando a arqueóloga inglesa Sian Jones, “(...) não se pode assumir, a priori, que semelhança na cultura material reflita a presença de um grupo particular de pessoas no passado, ou mesmo seja índice de interação social ou da partilha de normas de conduta”⁶⁰.

Contrariando algumas linhas interpretativas existentes na Arqueologia⁶¹, afirma-se, na Arqueologia da Etnicidade, que os estudos sobre a etnicidade enfrentam grandes desafios por lidarem com categorias analíticas datáveis e estanques, como raça e aculturação⁶². Sustentando-se sobre as definições de Jones, esse ramo da Arqueologia afirma a etnicidade como um processo subjetivo da construção da identidade, que não se limitaria às categorias “negro”, “branco”, “homem”, “mulher”, “judeu”, ou outra qualquer. Nas palavras de Funari, “(...)

⁵⁹ Funari, Pedro Paulo A, “O Estudo Arqueológico de Palmares e a Sociedade Brasileira”, in: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, USP, S. Paulo, 20-21: 93-103, 1997/1998, p. 94/95.

⁶⁰ Jones, Sian, 1994, p.95. In: Funari, Pedro Paulo A, “O Estudo Arqueológico de Palmares e a Sociedade Brasileira”, in: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, USP, S. Paulo, 20-21: 93-103, 1997/1998, p.95.

⁶¹ Discussões sobre as vertentes arqueológicas e suas interpretações de identidade podem ser encontradas no texto *Conflict and the Interpretation of Palmares, a Brazilian Runaway Polity*, 2003.

⁶² Funari, Pedro Paulo A, “O Estudo Arqueológico de Palmares e a Sociedade Brasileira”, in: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, USP, S. Paulo, 20-21: 93-103, 1997/ 1998, p.99/100.

Heterogeneity, fluidity and continuous change imply also that there are multiple entities that often change within society”⁶³.

As escavações realizadas em Palmares, portanto, apontariam para a suposição de que no quilombo conviveriam pessoas de diversas origens étnicas e culturais. Este caráter multiétnico originaria-se da situação histórica e estratégica do Quilombo. Os palmarinos teriam se estabelecido “em uma região circundada por nativos, a oeste, por moradores e fazendeiros, na costa e, entre 1630 e 1654, os holandeses a nordeste”⁶⁴. A proximidade física, e historicamente construída, teria levado a uma convivência, de conflito e interação, entre grupos com identidades particulares.

2,1,E: Palmares das múltiplas identidades

Palmares é construído pela Arqueologia da Etnicidade como um espaço que acolhia pessoas atacadas ou escravizadas na sociedade colonial. Como descrito em alguns documentos de época, no assentamento podiam ser encontrados não apenas negros, mas também brancos, indígenas, mulçumanos, judeus, mulheres tidas como bruxas⁶⁵, ou seja, aqueles que, por algum motivo, não pertenciam aos padrões socialmente estabelecidos. A confluência de identidades, dentro do Quilombo de Palmares, gerava novas experiências e outras tantas identidades, que estavam em constante alteração. A cerâmica local é o indício das criações culturais, mas é difícil

⁶³ Funari, Pedro Paulo A, Conflict and the Interpretation of Palmares, a Brazilian Runaway Polity, (publicado ?).

⁶⁴ Funari, Pedro Paulo A, “A ‘República de Palmares’ e a Arqueologia da Serra da Barriga”, in: *Povo Negro*, Revista USP, São Paulo (28), Dezembro/ Fevereiro – 95/96, p.12.

⁶⁵ Gonçalves de Mello, 1963: 248. In: *Negras Imagens*, Lilia Moritz Schawarcz e Letícia Vidor de Souza Reis (orgs), Edusp, São Paulo, 1996.

afirmar a intensidade ou diferenciações nas formas como as pessoas se percebiam e definiam o grupo a que pertenciam, ou mesmo como criavam novas práticas.

Não pertence ao objeto da Arqueologia da Etnicidade quantificar ou categorizar as transformações culturais. Essa Arqueologia, quando praticada no Quilombo de Palmares, almejou produzir elementos que possibilitem o questionamento de preconceitos de origem escravistas, arquitetados pelas elites, existentes no país. Palmares como “um modelo de democracia que o Brasil ainda está a buscar, nas palavras de Munanga (1996:63), constitui, pois, um desafio à ideologia dominante”⁶⁶. O Quilombo de Palmares, de Arqueologia da Etnicidade, é o exemplo de possibilidades de convivência entre elementos sociais diferenciados.

⁶⁶ *Negras Imagens*, Lilia Moritz Schawarcz e Letícia Vidor de Souza Reis (orgs), Edusp, São Paulo, 1996.

2,2: A Arqueologia da Dominação e da Resistência e as Estrutura Plural

"(...) Zumbi, is today considered to be 'the first Negro of Brazil'"

Michel Rowlands⁶⁷.

2,2,A: Ficha Informativa

Autor: Michael Rowlands

Nacionalidade: Inglês

Orientação Teórica: Arqueologia Pós- Processual

Conceitos usados para o estudo do Quilombo de. Palmares: Papel simbólico dos heróis; Discurso; Análise cerâmica e identidades; Estrutura Plural; Dominação e resistência.

Palmares Construído: O Quilombo de Palmares se configuraria como um espaço plural, marcado não pela negação da sociedade colonial, mas pela interação com ela.

Trabalho publicado com referências ao Quilombo de Palmares: "Black identity and sense of past in Brazilian national culture" in: *Historical Archaeology – Back from the Edge* (1999).

⁶⁷ Rowlands, Michel, "Black identity and sense of past in Brazilian national culture", in: *Historical Archaeology – Back from the Edge*, Pedro Paulo Abreu Funari, Martin Hall e Siân Jones (Editores), Londres, Routledge, 1999.

2, 2,B: O material analisado

No final da década de 1980, e início dos 1990, os estudos sobre dominação e resistência, principalmente no campo da Arqueologia, ganharam uma nova referência. Tratava-se da obra *Domination and Resistance*, organizada por D. Miller, Michael Rowlands e Christopher Tilley, publicada pela Editora Routledge, em Londres. Com expressiva influência de Max Weber, Louis Althusser, Pierre Bordieu, Michael Foucault, Jacques Lacan e Karl Marx, Rowlands dedicou um capítulo do livro para examinar o status epistemológico do conceito de complexidade. Conclui, ao final, que no discurso ocidental, complexidade é definida nos termos de diferenciação e serve como uma metáfora para desigualdades sociais⁶⁸. Além disso, o arqueólogo desenvolvia pesquisas sobre identidades, africanismos e cultura material.

Por essas atuações, Rowlands foi convidado por Funari e Orser a participar da elaboração e desenvolvimento do Projeto Arqueológico da Serra da Barriga. Tratava-se de um olhar diferenciado, sob a perspectiva dos estudos da dominação e da resistência, sobre o Quilombo de Palmares. A pesquisa de Rowlands foi publicada como um capítulo, “*Black Identity and sense of past in Brazilian National Culture*”⁶⁹, do livro *Historical Archaeology: Back from The Edge*⁷⁰. A partir da análise desse texto, procuramos entender o funcionamento da Arqueologia da Dominação e da Resistência e a construção do Quilombo de Palmares no interior dessa opção teórica.

A construção do presente capítulo foi realizada seguindo a estrutura narrativa apresentada no texto do Rowlands. Analisaremos, em um primeiro momento, a

⁶⁸ Rowlands, Michael, “A question of complexity”, in: *Domination and Resistance*, London, Routledge, 1989.

⁶⁹ Rowlands, Michel, “Black identity and sense of past in Brazilian national culture”, Op. Cit.

⁷⁰ *Historical Archaeology – Back from the Edge*, Pedro Paulo Abreu Funari, Martin Hall e Siân Jones (Editores), Londres, Routledge, 1999.

Arqueologia da Dominação e da Resistência como estudo dos discursos escritos para, no próximo estágio, expor a relação dessa Arqueologia com a análise de discursos dentro da cultura material. Finalizaremos com a exposição do conceito de sociedade multiétnica e das dinâmicas existentes no Quilombo de Palmares.

2,2,C: Arqueologia da Dominação e da Resistência

A força simbólica do Quilombo de Palmares e de seu líder Zumbi, na sociedade brasileira, tornou-se inquestionável. Zumbi foi considerado, por exemplo, o primeiro “Grande Herói Negro da História do Brasil”, sendo o dia de sua morte, 20 de Novembro, a atual marca para o dia “Nacional da Consciência Negra”. A Serra da Barriga tornou-se, na década de 1980, patrimônio nacional e a Fundação Palmares, órgão do Estado cujo nome faz clara referência ao quilombo estudado, passou a zelar pela identidade dos negros no Brasil. Pela importância social do tema, torna-se imperativo analisar a construção da simbologia acerca do Quilombo de Palmares e o uso desses elementos simbólicos na construção da identidade afro-brasileira. Tarefa que a Arqueologia da Dominação e Resistência se propõe a fazer⁷¹.

O momento inicial da pesquisa arqueológica se concentra na análise dos documentos escritos, em especial, da historiografia sobre escravidão e Quilombo de Palmares. Almeja-se entender quais visões do assentamento estão sendo defendidas, principalmente em relação às identidades que formam o assentamento palmarino. Rowlands, expoente da Arqueologia da Dominação e da Resistência, afirma a

⁷¹ Rowlands, Michel, “Black identity and sense of past in Brazilian national culture”, Op. Cit., p.329-331.

existência de duas principais vertentes historiográficas sobre o quilombo da Serra da Barriga: Palmares como representante da África no Novo Mundo e Palmares como representante de Angola no Brasil.

A primeira vertente, liderada por Eugene Genovese (1981), afirma Palmares como o caso mais importante de resistência escrava nas Américas e prova da possibilidade de homens e mulheres, vindos de diferentes lugares da África Central, terem recriado a identidade africana no Novo Mundo. A própria palavra Quilombo, dentro dessa vertente interpretativa, torna-se uma representação, em português, para a palavra angolana Ki-lombo, que significa uma sociedade masculina e guerreira que construiu um assentamento fortificado, onde jovens homens ficavam em sua iniciação⁷².

Por outro lado, a vertente representada por John Thornton (1992) sugere uma linha direta de descendência entre Palmares e Angola. Para a Arqueologia da Dominação e Resistência, essa preposição é bastante complicada, já que não haveria documentos ou termos etimológicos suficientes para comprovar tal associação. Era uma prática comum no Novo Mundo, por exemplo, designar todos escravos como angolanos, independente de suas regiões de origem. Deste modo, torna-se difícil afirmar que os escravos que chegaram ao Brasil eram, exclusivamente, angolanos ou que Palmares recria Angola na colônia⁷³.

O passo seguinte é a leitura da cultura material. Analisam-se os artefatos para propor um diálogo com a historiografia e a revisão do conceito de resistência. Nas

⁷² Rowlands, Michel, "Black identity and sense of past in Brazilian national culture", Op. Cit., p.331.

⁷³ Rowlands, Michel, "Black identity and sense of past in Brazilian national culture", Op. Cit., p.331-333.

palavras de Rowlands, *“archaeology of Palmares (...) would allow us to go beyond simple assuming that resistance means isolation or refugee status”*⁷⁴.

2,2,D: Cerâmicas e identidades

As escavações foram realizadas na região de Macaco, que teria sido a principal área do Quilombo de Palmares, na Serra da Barriga. Os trabalhos se estenderam por quatro quilômetros de comprimento e um de largura, resultando na identificação de 14 sítios e coleta de 2.448 artefatos. A cultura material encontrada foi classificada como de metal, pedra, vidro, cerâmica 1 (artefatos com 1 a 1,14 cm de espessura; sem decoração, avermelhados), cerâmica 2 (artefatos com 0,6 a 0,8 cm de espessura, com e sem decoração, amarelados) e outros⁷⁵. Abaixo temos a “tabela 1”, com a demonstração da porcentagem de material encontrado em função dos anos de escavação e do tipo de artefato⁷⁶ e a “tabela 2”, que ilustra o número de material coletado de acordo com o sítio escavado⁷⁷.

Tabela 1: Variação dos artefatos encontrados ao longo dos anos.

Material	Cerâmica	Cerâmica	Pedra	Vidro	Metal	Outros
Ano	1	2				

⁷⁴ Rowlands, Michel, “Black identity and sense of past in Brazilian national culture”, Op. Cit., p.334-340.

⁷⁵ Rowlands, Michel, “Black identity and sense of past in Brazilian national culture”, Op. Cit., p.334-340.

⁷⁶ A tabela apresentada é uma adaptação da tabela construída por Rowlands (Tabela 19,1. In: Rowlands, Michel, “Black identity and sense of past in Brazilian national culture”, Op. Cit., p.336).

⁷⁷ A tabela apresentada é uma adaptação da tabela construída por Rowlands (Tabela 19,2. In: Rowlands, Michel, “Black identity and sense of past in Brazilian national culture”, Op. Cit., p.337).

1992	93%	2,3%	0,9%	0,1%	0,1%	3,6%
1993	91,1%	5,5%	1,5%	0,8%	0,1%	1,1%

Tabela 2: Variação da quantidade de material por sítio estabelecido na Serra da Barriga (1992 e 1993).

Sítio	Total de material
1	1.439
2	13
3	388
4	8
5	5
6	4
7	1
8	6
9	8
10	4
11	124
12	64
13	6

14	208
Outros	170
Total	2.448

Apesar do “sítio 1” representar o maior número de artefatos encontrados, pouco desse material pode ser contextualizado, já que a área foi bastante alterada, na década de 1980, pela construção do monumento dedicado ao Zumbi dos Palmares. A Arqueologia da Dominação e da Resistência defende que os estilos e as formas dos artefatos coletados são indicadores da diferenciação e da assimilação étnica. Dessa forma, haveria três origens para a cultura material pesquisada: indígena, africana e nativa.

Através da análise da cor, espessura, temperos e decoração das cerâmicas de Macaco, e a comparação desses elementos com a cultura material indígena estudada por Meggars (1948:59), na década de 1940, levanta-se hipótese de que os primeiros habitantes da Serra da Barriga seriam indígenas. O grupo étnico a que esses indígenas pertenceriam não é especificado⁷⁸. Dentro da Arqueologia da Etnogênese, apresentada no terceiro capítulo dessa dissertação, supõe-se que a cerâmica indígena encontrada em Palmares pertenceria ao grupo Tupi-guarani. A Arqueologia da Dominação e da Resistência enfatiza a existência de traços na decoração, e técnica de produção cerâmica palmarina bastante próxima às produções cerâmicas de quilombos angolanos. A sugestão é, portanto, que indígenas precederam o Quilombo

⁷⁸ Rowlands, Michel, “Black identity and sense of past in Brazilian national culture”, Op. Cit., p.334-340.

de Palmares e, posteriormente, se associaram aos africanos. Isso justificaria uma possível convergência entre técnicas de produção africanas e indígenas.

A maior atenção, no entanto, é dedicada aos artefatos coloniais encontrados. De acordo com Rowlands, faianças holandesas e portuguesas foram coletadas, em grande número, no sítio três. A identificação da cultura material holandesa, caracterizada pelo verniz amarelo esverdeado e a decoração com faixas vermelhas paralelas entre si, se deu através da comparação com outros materiais holandeses encontrados em sítios históricos dos Estados Unidos da América (Wilcoxon 1987). Os artefatos portugueses foram comparados aos materiais utilizados pela elite portuguesa durante o século XVII no Brasil.

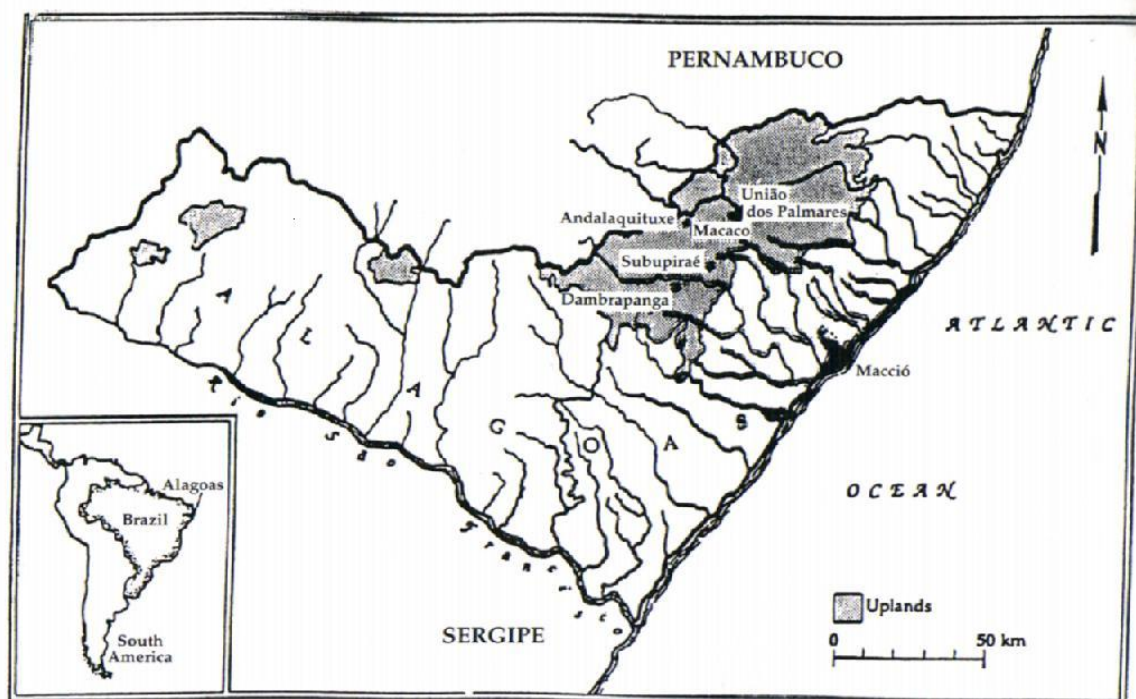


Figure 18.1 Map of Palmares in the State of Alagoas (from Araújo 1985).

Fonte: Funari, Pedro Paulo A., Siân Jones e Martin Hall (orgs), *Historical Archaeology –Back From the Edge*, Routledge, London, 1999, p. 312.

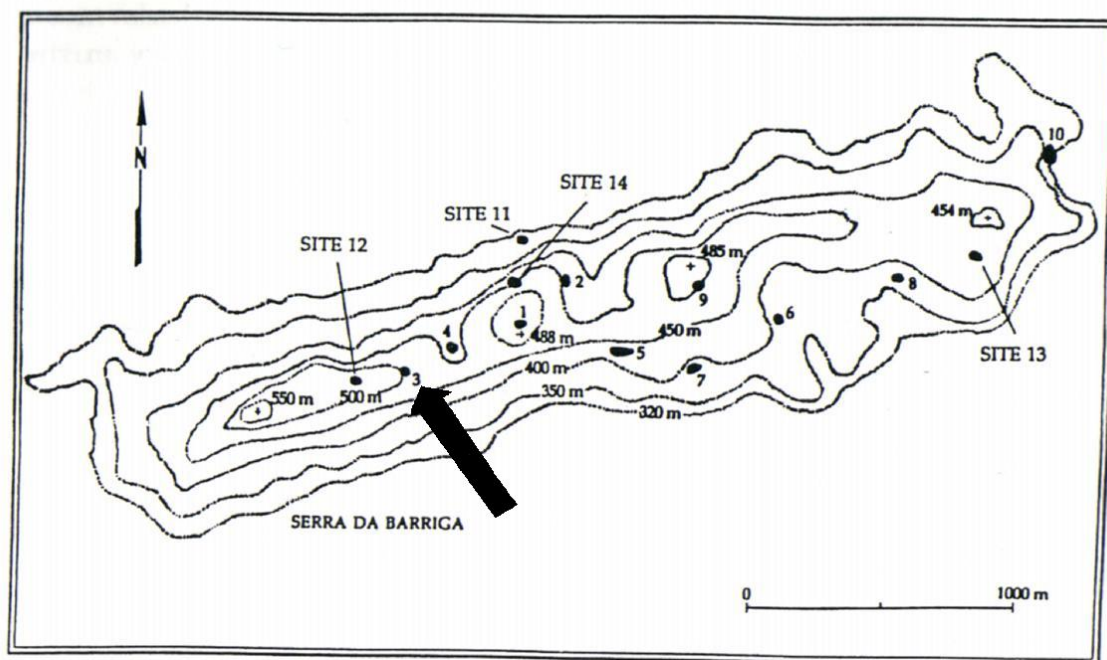


Figure 18.5 The location of sites found in 1993 at the Serra da Barriga. Sites discovered in 1992 are also shown.

Fonte: Funari, Pedro Paulo A., Siân Jones e Martin Hall (orgs), *Historical Archaeology –Back From the Edge*, Routledge, London, 1999, p. 318 (modificação no original: flecha indicando localização do sítio três).

A distribuição espacial dos artefatos europeus, encontrados no sítio três, permite, no interior dessa vertente da Arqueologia, a sugestão de diferenciações sociais dentro do Quilombo. Haveria duas hipóteses: 1) Um grupo de quilombolas, especializado na atividade comercial com a colônia, teria, dentro do assentamento, um status social diferenciado e, por isso, se concentraria na área 3 da Serra da Barriga. 2) Europeus habitariam o Quilombo de Palmares, em especial, o sítio três.

Essa suposição também sugere uma diferenciação social dentro de Palmares, manifesta na distribuição espacial das pessoas e, conseqüentemente, dos artefatos. A possibilidade de europeus habitarem o quilombo é reforçada pela documentação escrita: Bartolomeu Lintz, cronista do XVII, afirma-se como europeu que teria morado em Palmares⁷⁹.

Ler a cultura material de Palmares, afirma Rowlands, não é uma atividade simples. A Serra da Barriga possui um solo bastante ácido, o que dificulta a preservação de ossos, madeiras e metais, explicando a pouca quantidade desses materiais no sítio. A preservação da área é bastante precária e, por isso, as datações dos artefatos são difíceis. Mesmo nessas condições, sob a ótica da Arqueologia da Dominação e da Resistência, a disposição e a composição da cultura material coletada não permitiria arquitetar, como fazem, ainda que por formas estruturalmente diferentes, a Arqueologia da Etnogênese e também a da Etnicidade, uma sociedade quilombola como sendo a fusão e assimilação de culturas indígena, européia e africana, ou seja, uma sociedade multiétnica.

A interpretação da sociedade multiétnica é percebida pela Arqueologia da Dominação e da Resistência como um modelo ideológico usado para sustentar a idéia de mistura racial e harmônica existente no Brasil. Não teriam sido encontrados em Palmares, no entanto, artefatos construídos sob as influências européias, indígenas e africanas. O que impossibilita também a afirmação, usada principalmente por ativistas de grupos pela defesa da identidade negra e pela historiografia, de Palmares como Reino Africano na América. Essa hipótese é construída sob a suposição de que os negros não misturariam suas identidades com outras existentes no Brasil do século

⁷⁹ Rowlands, Michel, "Black identity and sense of past in Brazilian national culture", Op. Cit., p.334-340.

XVII. A Arqueologia da Dominação e da Resistência lê Palmares como uma sociedade pluralista, tendo nas distinções de áreas, representada pela distribuição dos artefatos, um indício de possíveis diferenciações nos status sociais.

2,2,E:Palmares Plural e a resistência

A presença de artefatos europeus no sítio pesquisado sugere, além da divisão social em Palmares, intenso comércio dos quilombolas com os habitantes da costa brasileira. Tais hipóteses levam a Arqueologia da Dominação e da Resistência a propor uma revisão do conceito de resistência. Para Rowlands é comum, e compreensível, definir Palmares como reduto de negros escravos fugidos do sistema escravista. Trata-se de uma questão política; a luta pela defesa da identidade negra e pelo espaço dos negros na sociedade brasileira. Outro olhar sobre Palmares, no entanto, não seria prejudicial a essa luta.

Ao fazer comércio com a costa, Palmares tornou-se parte da economia do Brasil no século XVII. Estava interado, de alguma forma, à sociedade colonial. É possível entender, dentro da Arqueologia da Dominação e da Resistência, que o Quilombo inverteu a identidade de escravos excluídos da sociedade brasileira e estabeleceu novas relações com essa sociedade. Adquiriu, nesse caminho, importância política. Sua resistência não é definida pelo isolamento, criação de uma

sociedade sem conflitos ou negação da sociedade colonial; ao contrário, surge na habilidade de inverter ordens antes estabelecidas⁸⁰.

⁸⁰ Rowlands, Michel, “Black identity and sense of past in Brazilian national culture”, Op. Cit., p.334-340.

Capítulo 3: Os caminhos criados pela Arqueologia Processual

3,1: Arqueologia Histórica Global e as redes Palmarinas

“Historical archaeology, though it uses many different sources of information and focuses on a literate past, is actually the study of the world in which we now live”

Charles Orser Jr⁸¹.

3,1,A: Ficha Informativa

Autor: Charles Orser Jr.

Nacionalidade: Estadunidense

Orientação Teórica: Arqueologia Processual

Conceitos usados para o estudo do Quilombo de Palmares: Arqueologia Histórica (colonialismo global, eurocentrismo, capitalismo e modernidade); Teorias Mutualistas e Perspectiva Global.

Palmares Construído: Palmarinos mantinham complexas conexões com os colonizadores europeus, indígenas sul-americanos e africanos, em especial angolanos.

Trabalhos publicados com referências ao Quilombo de Palmares: *A Historical Archaeology of the Modern World* (1996); *Images of the Recent Past: Readings in Historical Archaeology* (1996); *Historical Archaeology*, com a co-autoria de Brian Fagan (1995); *Race and the Archaeology of Identity* (2001); *Encyclopedia of Historical Archaeology* (2002); e

⁸¹ Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Plenum Press, New York, 1996, p. 27.

Race and Practice in Archaeological Interpretation (2003). Há também uma publicação em português, *Introdução à Arqueologia Histórica* (1992), que foi, posteriormente, traduzida para o espanhol (*Introducción a la Arqueologia Histórica* – 2000).

3,1,B: O material analisado

Com a vinda do arqueólogo norte-americano Charles Orser Jr. ao Brasil, em 1991, a possibilidade de escavar o Quilombo de Palmares configurou-se como algo viável. Professor da *Illinois State University*, Orser havia se consolidado no meio acadêmico como pesquisador da cultura material da vida dos escravos nas plantações de algodão norte-americanas e dos sítios rurais da Irlanda.

No início da década de 1990, interessado “em aplicar as modernas técnicas do trabalho arqueológico ao estudo da cultura africana em liberdade”⁸², o arqueólogo encontrou no assentamento palmarino exemplo perfeito para comprovar suas hipóteses sobre relações humanas no mundo pós 1415 d.C, ano da tomada de Ceuta pelos portugueses, e, então, relacionar regiões aparentemente distantes: sul dos Estados Unidos, Nordeste brasileiro e Irlanda. Sua participação na elaboração e execução do Projeto Arqueológico de Palmares, junto com o professor Pedro Paulo Funari e Michael Rowlands, significou não apenas uma contribuição intelectual ao trabalho como também representou um maior número de agências financiadoras apoiando as investigações.

⁸² Funari, Pedro Paulo A, “A ‘República de Palmares’ e a Arqueologia da Serra da Barriga”, in: *Povo Negro*, Revista USP, São Paulo (28), Dezembro/ Fevereiro – 95/96, p.7.

Do exercício comparativo entre a cultura material da escravidão nos Estados Unidos e Brasil (séculos XVI e XVII) e a produzida por camponeses da Irlanda (século XIX), resultaram oito livros, apresentados na “Ficha Informativa” desse capítulo, que, segundo Andrés Zarankin, consagraram-se como referencia para inúmeros cursos de Arqueologia ministrados na graduação e pós-graduação de universidades dos hemisférios norte e sul do globo terrestre⁸³.

Das narrativas citadas, uma tornou-se base para a construção do presente capítulo: *A Historical Archaeology of the Modern World*. A escolha ocorreu em função da dedicação, dentro da obra, às reflexões sobre o Quilombo de Palmares e à discussão do campo da Arqueologia Histórica: seus contornos e possibilidades. Dessa forma, nesse capítulo será apresentada uma seqüência de idéias que facilita a compreensão da orientação teórica seguida por Orser e, como resultado, nos auxilia no entendimento do Quilombo de Palmares produzido dentro dessa teoria bastante específica.

3,1,C: Arqueologia Histórica Global

Para Orser, três nomes foram responsáveis pela definição da Arqueologia Histórica e, conseqüentemente, para a elaboração das orientações teóricas que são aplicadas ao estudo do Quilombo de Palmares: Robert Schuyler (1981), James Deetz (1991) e Kathleen Deagan (1991)⁸⁴. Esses arqueólogos apresentariam como traço

⁸³ Orser, Charles Jr., *Introducción a la Arqueología Histórica*, Tridente, Buenos Aires, 2000.

⁸⁴ Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 26-30.

comum a busca pelo entendimento da natureza global da humanidade através da Arqueologia⁸⁵, objetivo que se configurará como centro da Arqueologia Histórica de Orser. O pesquisador se impõe, porém, o dever de tornar o programa da Arqueologia Histórica “verdadeiramente global”⁸⁶, posição proposta, mas que não teria sido alcançada, por Schuyler, Deetz e Deagan.

A Arqueologia Histórica de Orser, aqui denominada de Arqueologia Histórica Global, apóia-se em teorias mutualistas para traçar métodos de análise. E, apesar dessas teorias já terem sido mencionadas no século XVIII, por nomes como Corneille de Pauw, e re-elaboradas pela Antropologia no século XX, a Arqueologia Histórica Global centra-se nas definições construídas pelo antropólogo cultural Michael Carrithers (1992), na década de 1990, para elaborar seus modelos explicativos.

Carrithers distancia-se de outros intelectuais vinculados à teoria mutualista por afirmar a primazia da cultura nos relacionamentos pessoais. Para ele, os homens e mulheres manteriam relações entre si por causa de seus hábitos, crenças e definições sobre o mundo e si próprio, o que tornaria a vida humana algo bastante metamórfico: os seres humanos, de forma dinâmica, produziram suas culturas e criariam, posteriormente, suas histórias. Ao enfatizar os relacionamentos mutáveis, através do embasamento retirado de Carrithers, a Arqueologia Histórica Global abre os caminhos para estudar a humanidade através de uma única perspectiva: a mutualista. Torna-se viável, dentro dessa argumentação, pensar globalmente a humanidade e, por isso, traçar paralelos entre o Quilombo de Palmares, áreas rurais da Irlanda e fazendas escravistas no norte dos Estados Unidos da América.

⁸⁵ Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 27.

⁸⁶ Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 27.

De acordo com a Arqueologia Histórica Global, não deveríamos nos prender as concepções de cultura como pacotes fechados por demarcações visíveis de tempo e espaço, que seriam inexistentes⁸⁷; o mutualismo como paradigma mostraria-nos que é impossível definir os limites de uma comunidade⁸⁸.

A maior prova da Arqueologia Histórica como prática global estaria no Quilombo de Palmares, local no qual as conexões entre os seres-humanos são bastante visíveis. Por isso, como prova máxima da existência do mutualismo, haveria múltiplas redes de relacionamentos criadas pela interação entre homens (no sentido de humanidade). Esses relacionamentos estariam sujeitos a quatro forças: colonialismo, eurocentrismo, capitalismo e modernidade; em outras palavras, as quatro raízes da Arqueologia Histórica Global.

Quatro raízes da Arqueologia Histórica

*“Historical Archaeology has never been without colonialism”*⁸⁹. Assim Orser começa a narrativa sobre a importância do colonialismo para a Arqueologia Histórica Global. O estudioso afirma que o uso desses dois conceitos articulados, Arqueologia Histórica e Colonialismo, não é recente na história da disciplina, tendo já sido citado, na década de 1940, pelo o arqueólogo Frank Setzler (1943:218). As definições de colonialismo dentro da Arqueologia Histórica Global, todavia, são retiradas do crítico literário árabe Edward Said (1993:9).

⁸⁷ Orser, Charles Jr., *Introducción a la Arqueología Histórica*, Op. Cit., p.38.

⁸⁸ Orser, Charles Jr., *Introducción a la Arqueología Histórica*, Op. Cit., p.39

⁸⁹ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 57.⁹⁰ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 65-66.

Através das obras de Said, o colonialismo é afirmado como uma consequência do imperialismo, ou seja, abarcaria todas as idéias, atitudes e crenças que permitem ao império justificar suas regras sobre as terras distantes⁹⁰. O colonialismo seria o confronto e a interação entre homens e mulheres de lugares diferentes, o que criaria *"wonder, fear, apprehension, misunderstanding, cooperation, and a host of other emotions and reactions. Each contact was unique and transforming"*⁹¹. Em especial na relação entre a Europa e o resto do mundo, os europeus seriam marcados pelo sentimento de superioridade, o que pode ser explicado, segundo Orser, pelo eurocentrismo, a segunda raiz da Arqueologia Histórica.

Para o pesquisador, os trabalhos arqueológicos mostram como nossa noção de tempo, marcada pelo nascimento de Cristo ou, então, pela tomada de Ceuta, bem como as delimitações geográficas do espaço⁹² foram fixadas com base na Europa. Essa constatação bastante transparente na Arqueologia estender-se-ia aos currículos das escolas públicas norte-americanas, que partem da Europa para analisar a América, Ásia e África. Torna-se inquestionável, para a Arqueologia Histórica Global, o quanto a Arqueologia é eurocêntrica. O eurocentrismo, nesse viés teórico, se configurará como uma perspectiva distorcida do mundo, na qual a única maneira das sociedades não-européias viverem é imitando o modo de vida europeu⁹³. Por afetar pessoas em todos os lugares do mundo⁹⁴, o eurocentrismo se configuraria como uma teoria universalista e delimitaria inclusões e exclusões.

⁹¹ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 65-66.

⁹² Recordando que as latitudes e longitudes são traçadas a partir da cidade de Londres.

⁹³ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 69.

⁹⁴ Rabasa (1993:6). In: Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 69.

A solução ao eurocentrismo também é retirada de Said (1993:67): não se trataria mais de se indagar o que está incluído no eurocentrismo, mas também o que está excluído e quais os motivos dessa exclusão⁹⁵. A reflexão sobre a inclusão e a exclusão, tarefa da Arqueologia Histórica Global, geraria o pensamento crítico ao eurocentrismo.

O capitalismo, terceira raiz, entendido como força econômica e política⁹⁶, configura-se como característica chave para a Arqueologia Histórica pelo tipo de relação que estabelece entre as pessoas. Gerado pelas forças de produção⁹⁷ - definidas como materiais, ferramentas e técnicas de produção - o capitalismo seria o responsável por delimitar e diferenciar os contornos das relações humanas: *"men and women work together to create relationship using what they have, what they know, who they know, and what they can make"*.⁹⁸ Sua existência estaria condicionada a construção do mundo moderno; a quarta característica da Arqueologia Histórica Global.

A modernidade é definida, dentro dessa perspectiva, como um processo contínuo de aquisição de novas técnicas de produção e, como consequência, novos tipos de relações humanas. É exatamente esse conceito que constrói a noção de Europa como sinônimo de modernidade e coloca o continente no centro de nossos referenciais; ou seja, a concepção de mundo moderno está intimamente ligada às noções de capitalismo, eurocentrismo e, por fim, o colonialismo⁹⁹.

A co-existência dessas quatro forças, - colonialismo, eurocentrismo, capitalismo e modernidade -, permite a aproximação de qualquer lugar do globo

⁹⁵ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 69.

⁹⁶ Curtin (1990:47). In: Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p.73.

⁹⁷ Karl Marx (1970:21). In: Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p.74.

⁹⁸ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 74.

⁹⁹ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 80-84.

terrestre ou mesmo de qualquer homem. Isto acontece porque toda a humanidade estaria submetida a essas forças e pode, assim, ser estudada pela Arqueologia Histórica Global. As pesquisas dentro desse campo teriam duas fontes: a cultura material e os documentos escritos.

3,1,D: Fontes para a Arqueologia Histórica Global

Para explicar o papel da cultura material dentro da Arqueologia Histórica Global, Orser brinca: os artefatos são o pão e a manteiga da pesquisa arqueológica¹⁰⁰. No universo estudado pela Arqueologia Histórico Global, os artefatos teriam se tornado indispensável nas vidas humanas e, por isso, seriam indicadores de como os homens lidam com seus objetos e com si próprios. Em outras palavras, os artefatos seriam usados nas relações humanas como intermediações, estando repletos de significados e sentidos de grande importância para se entender o mundo marcado pelo colonialismo, eurocentrismo, capitalismo e modernidade. A cultura material, portanto, se configuraria como acesso às atividades cotidianas executadas por homens e mulheres no passado e, por isso, é definida como documento histórico.

A leitura desse documento histórico tridimensional, assim como a leitura dos documentos escritos, é marcada pela imaginação do arqueólogo. Embasando-se em Michael Shanks e Christopher Tilley (1988:17), a Arqueologia Histórica Global não tem a pretensão de alcançar a realidade, mas, ao contrário, busca formular modelos que expliquem o que pode ter acontecido com a humanidade no mundo pós-1415. A

¹⁰⁰ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 101.

explicação é elaborada através da conjugação da leitura dos artefatos com a leitura dos documentos escritos, sem que haja uma valorização de um tipo documental em detrimento de outro.

No caso específico do Quilombo de Palmares, Orser analisou a historiografia clássica sobre o assentamento (Artur Ramos, Clóvis Moura, Décio Freitas, Edson Carneiro e Ernest Ennes), obras dentro da historiografia sobre escravidão (Charles Boxer, John Thornton, J. C. Miller e Robert Southey), cronistas contemporâneos ao quilombo (Sebastião da Rocha Pitta, Fernão Carrilho, John Niechoff e Jürgens Reijmbach) e cachimbos encontrados pelos trabalhos arqueológicos realizados no assentamento palmarino nos anos de 1992 e 1993.

A inspiração para a investigação de Palmares sob a ótica da Arqueologia Histórica Global foi retirada das escavações realizadas em áreas de quilombos, no sul da Carolina do Sul (EEUU), pela arqueóloga Elaine Nichols, em 1988. Nichols concluiu que a comunidade de escravos fugidos não vivia em isolamento ou caracterizava-se pela auto-suficiência. Ao contrário do que se esperava, os quilombolas mantinham relações comerciais com outras áreas dos Estados Unidos. A prova disso seria a variedade de artefatos (decoração, formas, local de produção, entre outras características) encontrada no sítio pesquisado¹⁰¹.

A pesquisa dirigida por Nichols inspirou Orser a se indagar sobre a dinâmica de outros quilombos, não apenas nos Estados Unidos, mas também em regiões da América Latina. Se o modelo criado pela Arqueologia Histórica Global estivesse correto, ou seja, se as relações humanas existentes no mundo, no período posterior a Tomada de Ceuta, fossem entrelaçadas pelas quatro raízes, a mesma dinâmica

¹⁰¹ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 40-41.

encontrada na Carolina do Sul poderia ser transposta a outros lugares do globo terrestre.

Através da leitura da historiografia sobre Palmares e, posteriormente, dos cronistas contemporâneos ao assentamento, Orser concluiu que Palmares não estava isolado: os quilombolas mantinham complexas redes de conexões com os colonizadores Europeus, com os indígenas nativos da América do Sul e com angolanos¹⁰². O próximo passo seria determinar os tipos de relações construídas entre os palmarinos e esses outros indivíduos.

Ainda dentro do campo da historiografia, foram delimitadas três visões sobre a relação entre palmarinos e europeus. Todas valorizariam o conflito entre esses dois grupos, mas o justificam de formas diferentes: 1) A primeira, defendida por Ernest Ennes e Décio Freitas, afirmaria que a relação conflituosa entre os europeus e os palmarinos era decorrente dos prejuízos financeiros gerados pela fuga de escravos para o assentamento e pelos gastos do governo colonial Português para a destruição do Quilombo de Palmares; 2) A segunda, representada por Edson Carneiro, defenderia Palmares como um obstáculo para a expansão branca e européia sobre a colônia, ou seja, simbolizaria um risco para as autoridades coloniais; 3) A terceira, e última vertente, encontrada em Artur Ramos, afirmaria Palmares como uma constante demonstração da fraqueza inerente ao regime escravocrata. Informações que não valorizam o conflito foram encontradas em alguns cronistas, como Gaspar Barleus, que atesta a presença de europeus, comumente, como habitantes permanentes, dentro de Palmares. Essas relações são usadas, pela Arqueologia

¹⁰²Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 46.

Histórica Global, como provas da existência de redes coloniais européias no assentamento palmarino.

Relações de conflito e harmonia também são valorizadas entre indígenas, palmarinos e europeus. De acordo com cronistas, grupos indígenas Tupuya aliavam-se aos europeus para destruírem Palmares. A aliança era formada por interesses de grupo: os Tupinambás, antigos inimigos dos Tupuya, mantinham relações amigáveis com os palmarinos e, muitos deles, viviam no assentamento. Sob o viés da Arqueologia Histórica Global, a coexistência de indígenas aliados, ou inimigos, no nordeste brasileiro, demonstra a complexidade cultural existente no mundo moderno¹⁰³.

A complexidade cultural é presente também nas relações entre palmarinos e angolanos. Para a compreensão dessas relações é necessário, de acordo com Orser, refletir sobre a escravidão no Brasil e acerca da história do continente africano, em especial, de Angola. Dessa forma, a leitura da historiografia sobre a escravidão é imprescindível para os estudos de Palmares. Os pesquisadores Miller (1976) e Thorton (1992) afirmariam que o comércio de escravos, realizados majoritariamente por europeus, trouxe ao Brasil um grande número de homens e mulheres nascidos em Angola. Esses homens e mulheres, que carregavam as tradições culturais angolanas, foram responsáveis, junto com os europeus e tupinambás, pela fundação do Quilombo de Palmares. Os angolanos, assim, traçaram novas relações, seja de maneira conflituosa ou harmoniosa, tornando a convivência culturalmente complexa e interligada a outras partes do globo terrestre.

¹⁰³ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 50.

O assentamento, portanto, nasceu do entroncamento de redes de relações criadas em espaços físicos diferentes e recriadas de forma constante. O que unifica essas relações é o fato delas terem nascido e se transformado dentro das quatro raízes já mencionadas. Mas, como o estudo da cultura material é aliado a essas informações vindas dos documentos escritos?

Os artefatos, descobertos na Serra da Barriga, sob a perspectiva da Arqueologia Histórica Global, permitem melhor entendimento do processo cultural de construção do Quilombo de Palmares, dedicando especial atenção ao estudo dos cachimbos encontrados no assentamento. É interessante destacar que os cachimbos estudados estavam descontextualizados, como afirma Orser, pois se encontravam em uma exposição permanente do museu local (Museu – União dos Palmares) sem informações adicionais¹⁰⁴. Mesmo assim, os cachimbos abriam a possibilidade de paralelos com quilombos da América Central e do Sul dos Estados Unidos da América.

Dois aspectos chamavam a atenção nos cachimbos: forma e decoração. Os cachimbos possuíam suas hastes curtas e, frequentemente, terminavam em um cesto arredondado. Esse formato, bastante similar ao dos cachimbos encontrados em fazendas de cana-de-açúcar em Barbado, São Domingos e Cuba, permite a suposição da existência de tradições africanas no artefato. De acordo com Jerome Handler e Frederick Lange (1978), arqueólogos responsáveis por algumas escavações na América Central, tal formato de cachimbos “nasceu na África”; o que seria atestado

¹⁰⁴ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 120-125.

pelo arqueólogo africanista Merrick Posnansky, que identifica tal tradição a região de Gana, na África.

Quanto à decoração, quatro estilos, que se apoiavam em formas geométricas, foram encontrados. Infelizmente, afirma Orser, nas escavações de 1992 e 1993 não se encontrou outros cachimbos, o que dificultaria a análise da cultura material. De qualquer forma, alerta o arqueólogo, é importante notar a presença de artefatos semelhantes em outras localidades do globo terrestre, produzidos sob as mesmas forças. Fica, nessa vertente, uma tarefa para os arqueólogos que queiram se aventurar na História de Palmares: *“archaeologist someday may be able to interpret these apparently expressionless decorations. For now, they remain a mystery”*¹⁰⁵.

3,1,E:Redes de relações no Quilombo de Palmares

A Arqueologia Histórica Global, através da leitura de documentos escritos conjugada com a leitura da cultura material, supõem a existência de uma ampla rede de relações no Quilombo: os palmarinos estariam conectados aos europeus, indígenas e africanos. Essas redes de relação marcariam-se não apenas por conflitos, mas também por interações entre os indivíduos envolvidos. Alguns europeus, por exemplo, teriam mantido relações comerciais com os quilombolas, outros disputavam com os fugitivos o poder sobre determinado território. O grupo indígena Tupuya teria se aliado aos europeus para destruir Palmares, enquanto que os Tupinambás teriam agido de forma contrária. Processo semelhante ocorreria com os africanos;

¹⁰⁵ Orser, Charles Jr., Orser, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Op. Cit, p. 126-127.

muitos optavam por morar em quilombos, enquanto outros vivenciariam experiências diferentes.

Palmares configura-se como prova, dentro da Arqueologia Histórica Global, que as relações humanas no mundo moderno amarram-se de forma bastante complexa. Essa proposição nos impediria de afirmar que todos os africanos lutaram pela liberdade, todos europeus foram contra o quilombo ou que todos indígenas aliaram-se a um determinado lado. O que embasa, todavia, esta complexa rede de relações seria o colonialismo, eurocentrismo, capitalismo e modernidade.

3,2: Arqueologia da Etnogênese e a Sociedade Multiétnica

"Like plantation slaves in the North American southeast, Palmarinos were faced with having to create a new culture in presence of an unfamiliar social and natural environment."

Scott Joseph Allen¹⁰⁶.

3,2,A: Ficha Informativa

Autor: Scott Joseph Allen

Nacionalidade: Estadunidense

Orientação Teórica: Arqueologia Processual

Conceitos usados para o estudo do Quilombo de Palmares: Etnogênese, Sincretismo Reinterpretativo; Sociedade Multiétnica.

Palmares Construído: Palmarinos unem-se pelo sentimento muito específico de ser diferente daqueles que habitam o exterior do quilombo: eles não são como holandeses, portugueses ou colonos brasileiros.

Trabalhos publicados com referências ao Quilombo de Palmares: "A 'Cultura Mosaic' at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a Seventeenth-century Brazilian Quilombo" in: *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, Pedro Paulo A Funari (org.), Unicamp (IFCH), Campinas, 1998; "Preliminary Directions in the Historical Archaeology of Palmares", *Nova Revista de História da Arte e Arqueologia*, n.3, Fevereiro de 2000, IFCH- Unicamp, Campinas; *Zumbi Nunca Vai Morrer – History, race, politics*,

¹⁰⁶ Allen, Scott Joseph, "A 'Cultural Mosaic' at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth – century Brazilian Quilombo", Op. Cit. p. 147.

and the practice of Archaeology in Brazil, Doctor of Philosophy, Department of Anthropology, Brown University, Providence, Rhode Island, Maio de 2001.

3,2,B: O material analisado

Nos três primeiros anos da década de 1990, Scott Joseph Allen iniciava a pesquisa sobre o Quilombo de Palmares e o Movimento Negro no Brasil para a obtenção do título de “*Doctor of Philosophy*”, no departamento de Antropologia, na *Brown University*. Seu trabalho objetivava traçar reflexões sobre as pesquisas arqueológicas na Serra da Barriga, realizadas em 1992 e 1993. Posteriormente, no ano de 1996, Allen coordenou novos trabalhos de campo sobre o Quilombo de Palmares, mas, nesse momento, sem a participação dos outros arqueólogos.

Atual professor da Universidade Federal de Alagoas, e coordenador dos núcleos de pesquisa “*Etnohistória e Arqueologia de Alagoas*” e “*Núcleo de Pesquisa e Ensino Arqueológico*”, Allen publicou dois artigos sobre a cultura material de Palmares e conclui sua tese de doutorado; as referências das obras encontram-se na *Ficha Informativa* do autor. Essas narrativas foram utilizadas como base para nossa análise acerca da Arqueologia instrumentada por Allen para a compreensão do Quilombo de Palmares. É necessário observar, entretanto, que as produções textuais analisadas são marcadas por diferentes objetivos. Nos artigos, Allen apresenta as pesquisas realizadas nos anos de 1992 e 1993. Já na tese de doutorado, o autor se dedica à comparação das investigações arqueológicas de 1992 e 1993 com as pesquisas feitas em 1996 e à investigação da atuação do movimento negro no Brasil.

3,2,C: Arqueologia da Etnogênese

A Arqueologia concebida por Allen para estudar o Quilombo de Palmares, que chamaremos de Arqueologia da Etnogênese, embasa-se na preposição de que existe um modelo universal para explicar a formação de comunidades quilombolas na América. Esse modelo explicativo, denominado Etnogênese, teria sido criado pelo antropólogo norte-americano Willian Sturtevant, na década de 1970. Originalmente, Sturtevant definiu a Etnogênese como a compreensão antropológica da formação de grupos sociais elaborados a partir da exploração colonial¹⁰⁷. Buscava-se a valorização de estratégias adaptativas e as representações de todos os indivíduos envolvidos no processo de elaboração dessa comunidade contrária às autoridades coloniais.

Para Allen, a leitura das estratégias de construção da comunidade carecia de um olhar multidisciplinar, lacuna superada com a junção de métodos da Arqueologia Histórica com o conceito de Etnogênese¹⁰⁸. A Arqueologia da Etnogênese nascia, portanto, da procura pelo modelo explicativo da formação de quilombos através da leitura de documentos escritos e da cultura material¹⁰⁹. Para a leitura da etnogênese dentro do Quilombo de Palmares, comunidade escolhida para a verificação da eficácia dos novos métodos e proposições teóricas, três categorias documentais são utilizadas: 1) Documentos de época, em especial os relatórios feitos pelo governo sobre o quilombo (produzidos em 1670 e publicados por Edison Carneiro em 1947); 2)

¹⁰⁷ Willian Sturtevant: 1971. Allen, Scott Joseph, "Preliminary Directions in the Historical Archaeology of Palmares", Op. Cit., p. 160.

¹⁰⁸ Allen, Scott Joseph, "Preliminary Directions in the Historical Archaeology of Palmares", Op. Cit., p. 169.

¹⁰⁹ Allen, Scott Joseph, "Preliminary Directions in the Historical Archaeology of Palmares", Op. Cit., p. 170.

As discussões na História e na Antropologia sobre a identidade do assentamento, em especial, acerca do termo “cultura mosaico” e “sincretismo cultural”; 3) A cultura material de Palmares (coletada nos anos de 1992,1993 e 1996)¹¹⁰.

Documentos de época e os diálogos com a historiografia.

Os documentos escritos pelo governo do Brasil sobre o Quilombo de Palmares, no interior da Arqueologia da Etnogênese, adquirem grande importância por atestar a identidade quilombola como sendo diferente do restante da sociedade. Os tratados de 1678, por exemplo, cujos originais estão na Torre do Tombo, em Portugal, relatariam as reivindicações dos palmarinos sobre as autoridades coloniais: os quilombolas exigiam territórios e a liberdade dentro da sociedade escravocrata para todos aqueles que nasceram no quilombo. O documento é percebido como prova de que os quilombolas viam-se de forma diferente em relação aos africanos das plantações¹¹¹, já que não exigiam a liberdade ou terras também para esses.

O documento como prova da existência de identidades diferenciadas leva a Arqueologia da Etnogênese a refletir sobre os possíveis conceitos empregados para explicar a formação das etnicidades. Identidade e etnicidade, dentro desse viés teórico, são percebidas como conceitos sinônimos que representam níveis de identificação grupal. A Arqueologia da Etnogênese almeja, portanto, com os estudos das identidades, arquitetar um modelo explicativo que justifique a coesão do grupo.

¹¹⁰ Allen, Scott Joseph, “Preliminary Directions in the Historical Archaeology of Palmares”, Op. Cit., p. 170 - 175.

¹¹¹ Allen, Scott Joseph, “Preliminary Directions in the Historical Archaeology of Palmares”, Op. Cit., p. 170 - 175.

Mas como explicar a coesão grupal no campo teórico? Como perceber a relação entre cultura material e as teorias do campo das Ciências Humanas? A arqueologia da Etnogênese responde a essas questões propondo um diálogo constante entre as informações fornecidas pelos documentos, sejam eles de época, historiográficos ou mesmo pertencentes ao universo da cultura material para, em um segundo momento, construir o modelo explicativo para as sociedades quilombolas, em especial, Palmares.

3,2,D: Diálogo documental: o modelo da sociedade multiétnica

De acordo com a Arqueologia da Etnogênese, nas escavações realizadas em Palmares, tanto no projeto de 1992 como no de 1996, três tipos cerâmicos foram encontrados; nativo, europeu e “popular”¹¹². As produções nativas, ligadas aos grupos indígenas tupi-guaranis, foram identificadas através das comparações entre os artefatos do sítio e as classificações ceramistas realizadas por José Brochado e Maria Cristina Scatamacchia¹¹³. As faianças européias, ao contrário, foram distinguidas pela semelhança com os artefatos encontrados numa área de ocupação holandesa, localizada apenas a sessenta quilômetros da Serra da Barriga¹¹⁴. As cerâmicas denominadas “populares” não puderam ser correlacionadas com nenhuma

¹¹² Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p.148.

¹¹³ Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p.150.

¹¹⁴ Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p. 151/152.

tradição ceramista pré-existente e, por isso, foram classificadas como produtos locais, elaborados em Macaco.

Para atestar a existência de artefatos produzidos localmente, a cultura material da Serra da Barriga foi comparada às produções ceramistas de sítios missioneiros do sul e do norte brasileiro (séculos XVII e XIX), de sítios “pré-europeus”, na bacia Amazônica, e as encontradas em um forte holandês, região de Alagoas. Apesar de procurar semelhanças técnicas e decorativas, os artefatos de Palmares, para Arqueologia da Etnogênese, destacariam-se pela singularidade. Mesmo assim, para extirpar qualquer possibilidade de dúvida sobre o regionalismo desses artefatos, documentos de época foram consultados. As fontes escritas seriam claras: os palmarinos estavam envolvidos com várias formas de produção cerâmica (*Relação, Diário e Reijembach's Entrada 1645/Feb 23*)¹¹⁵.

A cerâmica local tornou-se foco de pesquisas da Arqueologia da Etnogênese. Por se configurar como algo novo, diferente dos artefatos europeus, indígenas e africanos, as produções locais poderiam fornecer respostas sobre os elementos que manteriam a identidade quilombola como algo coeso. Exatamente por retratar algo vivenciado no Quilombo de Palmares, os artefatos “originais” poderiam responder qual modelo interpretativo seria o mais adequado para a percepção da dinâmica quilombola¹¹⁶.

Para ler a cultura material, a Arqueologia da Etnogênese retoma as discussões teóricas sobre as dinâmicas culturais da chamada “Cultura Africana” nas Américas e

¹¹⁵ Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p.154.

¹¹⁶ Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p. 154.

a emergência da “Cultura Afro-Americana”¹¹⁷. Cinco estudiosos da Diáspora Africana foram escolhidos para o debate sobre a formação do Quilombo: E. Franklin Frazier (1949), Melville Herskovits (1947), Mintz e Price (1976), Décio Freitas (1984) e Bastide (1960). A análise das propostas dos autores, comparadas às informações reveladas pelos artefatos originais sustentariam o Quilombo de Palmares arquitetado no seio da Arqueologia da Etnogênese. A primeira questão a ser abordada relaciona-se a afirmação das práticas culturais afro-americanas como remanescentes de tradições similares africanas.

O antropólogo Herskovits (1947), para essa corrente, teria se empenhado em determinar os diversos níveis de “africanismos” – sobrevivências culturais africanas – existentes nas sociedades afro-americanas (nem sempre bem vistas por ele). Em suas classificações, o “nível” de sobrevivência da religião, roupas, alimentação, entre outros aspectos, depende, diretamente, da densidade da população negra e da distância dessa população dos grupos “dominantes” (europeus). Cada item que representa o africano é, matematicamente computado e organizado em uma tabela classificatória. Como resultado, tem-se a distribuição das populações americanas em “mais africana, menos africana, ou em um estágio intermediário”¹¹⁸. Herskovits conclui: enquanto os negros estiverem longe da cultura branca dominante possuem uma chance cultural de se manterem africanos.

Em posição veemente oposta a Herskovits, o sociólogo E. Franklin Frazier defenderia a importância dos africanismos para a cultura Afro-americana. Para o

¹¹⁷ Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p. 156.

¹¹⁸ Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p. 157 – 174.

estudioso contemporâneo de Herskovits, o tráfico de escravo era um elemento determinante na destruição da cultura original. Após o trauma da escravidão e da violência, os negros perdiam os padrões culturais africanos, o que impossibilitava a reconstrução de sociedades puras na América. Sem alternativas, os negros inspiravam-se no modelo vencedor europeu para organizar uma nova vida. Deste modo, enquanto Herskovits assume a homogeneidade da “Cultura Africana”, Frazier defende a existência de inúmeras tradições culturais negras que não puderam ser retomadas em suas totalidades no novo continente.

Distante das posições anteriores, Mintz e Price sustentariam a hipótese de inexistência cultural africana nas Américas. Para os autores, segundo Allen, as circunstâncias históricas enfrentadas pelos negros levaram à criação de uma nova identidade Afro-Americana. Os escravos, submetidos a situações diferentes das enfrentadas até então, adaptariam-se e valorizariam todos as “práticas novas” em detrimento das tradicionais. Seria uma defesa para a sobrevivência¹¹⁹.

Esta “fluência cultural, defendida por Mintz e Price, teria como contra-peso, dentro da Arqueologia da Etnogênese, além dos trabalhos Herskovits, o conceito de “Cultura Mosaico”, elaborado na década de 1970 pelo advogado Décio Freitas. Amplamente incorporado nos discursos sobre os movimentos quilombolas, o modelo de “cultura mosaico” valoriza uma cultura estática e conservadora. Um mosaico é composto por cores bem definidas que juntas formam uma imagem. A “cultura mosaico” segue a mesma lógica de raciocínio: culturas distintas e delimitadas configurariam, quando próximas, uma sociedade.

¹¹⁹ Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p. 156 – 174.

As propostas anteriores assemelhavam-se por acreditar na possibilidade de localizar traços culturais puros nos assentamentos quilombolas. Estão distantes entre si, portanto, apenas nas propostas sobre como localizar os traços culturais específicos. O problema encontraria-se, por exemplo, nas interpretações sobre as cerâmicas palmarinas: os vasos locais apresentam uma soma de “n” elementos culturais. Não são compostos por traços apenas indígenas, ou europeus ou de tradições africanas. Seriam formados, ao contrário, por uma multiplicidade de sentidos¹²⁰. Como ler as junções culturais que são, de acordo com a Arqueologia da Etnogênese, expressas nos artefatos?

O conceito de sincretismo reinterpretativo, formulado por Roger Bastide, apresenta, no interior da Arqueologia da Etnogênese, uma solução plausível para a interpretação da dinâmica cultural das comunidades negras na América. Sem embasar-se em modelos inspiradores ou vencedores, como fazem Herskovits, Frazier, Mintz e Price, e Freitas, Bastide parte para a concepção de “fusão dos elementos culturais”. Estes elementos teriam-se originados em diversas fontes e seriam renegociados periodicamente dentro dos sistemas de cultura. A criação, deste modo, seria uma constante nas sociedades¹²¹ e explica o Quilombo de Palmares da Etnogênese.

¹²⁰ Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p. 156 – 174.

¹²¹ Segundo o autor, pode-se distinguir dois tipos de sincretismos: “The first is “mosaic syncretism” which shares similar features of the cultural mosaic. This model assumes that elements are adopted into the overall framework of various religious beliefs as illustrated by the use of Christian Saints for deities in Candomblé and other African-inspired religions. Rather than attain new meanings, these symbols merely added to the system. Bastide suggests that this was a process of “amalgamation”, which never took the form of ‘true syncretism’. The second syncretism process is that of ‘reinterpretive syncretism’ which may be thought of as a creative process. This perspective focuses on the ‘syncretic traditions fusing African and Brazilian elements’ (Orser, 1994). According to this process, various cultural traditions are *fused*, setting the concept of syncretism, as it is utilized here, apart from the mosaic or ‘mosaic syncretism’. This model of syncretism holds that cultural elements are adopted from various sources and *renegotiated* into new cultural systems which leaves room for the creation of new traditions to meet current needs”. Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p. 156 – 174.

3,2,E:Os Palmares da Arqueologia da Etnogênese

O sincretismo reinterpretativo, elaborado por Bastide, embasa a leitura que a Arqueologia da Etnogênese faz sobre a cultura material do Quilombo de Palmares. Dentro desse viés teórico, os artefatos tornam-se provas do processo cultural de formação do assentamento. A fusão de elementos indígenas, africanos e europeus, nas cerâmicas locais, é tida como indício de que os Palmarinos criaram, em um ambiente natural e social desconhecido, uma nova cultura e identidade.

As roupas, nomes, utensílios, dentre outras expressões culturais (materiais ou não), cujas descrições poderiam ser encontradas nos documentos escritos, eram compostos a partir da articulação de elementos tradicionais e os novos. É importante acrescentar que, para a Arqueologia da Etnogênese, estas articulações tinham como propósito a diferenciação entre os palmarinos e os diversos grupos pertencentes à sociedade escravocrata (holandeses, portugueses, e colonos brasileiros) e eram passíveis de constantes mudanças, já que novos elementos poderiam ser fundidos às características culturais anteriores. A identidade palmarina configurava-se, assim, como a negação da comunidade do Brasil colonial ou holandês¹²². E, na negação, o Quilombo de Palmares transforma-se em símbolo de resistência não apenas no século XVII, período de sua existência, como em nossa sociedade atual.

¹²² Allen, Scott Joseph, “A ‘Cultural Mosaic’ at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a seventeenth century Brazilian Quilombo”, Op. Cit., p.156 – 174.

Conclusões

As Arqueologias de palmares e suas identidades

As quatro pesquisas arqueológicas realizadas na Serra da Barriga produziram Quilombos de Palmares bastante diferentes entre si. A Arqueologia da Etnicidade apresenta o assentamento como um espaço de debate, onde as identidades, fluidas, podem ser determinadas apenas com fim analítico. O assentamento configura-se como exemplo de interações entre elementos sociais diferentes e, por isso, poderia ser compreendido como prova da possibilidade de convivência e tolerância entre pessoas com identidades diversificadas na sociedade atual. A Arqueologia da Etnicidade não almeja traçar um modelo explicativo que possa ser aplicado em assentamentos quilombolas de toda a América. Ao contrário, valoriza os contextos históricos em que o Quilombo de Palmares surgiu e, nesse ponto, aproxima-se da Arqueologia da Dominação e da Resistência.

No interior da Arqueologia da Dominação e da Resistência, Palmares é percebido como resultado de uma combinação de contextos: a existência da escravidão, das plantações de cana-de-açúcar, dos indígenas, dos comerciantes europeus, dos holandeses, entre outros fatores. A colônia portuguesa e, posteriormente, o Brasil holandês, seriam dotados de uma estrutura social bastante específica, reproduzida, em partes, no Quilombo de Palmares. O assentamento configuraria-se como prova de que o conceito de resistência pode significar mais do que fuga de escravos ou defesa de uma identidade cultural pura. Palmares, como extensão da sociedade colonial, atribui ao conceito de resistência o significado de negociação e interação.

Interação também é o foco da Arqueologia Histórica Global. Nesse viés interpretativo, o assentamento palmarino está inserido em uma rede de relações que permite a conexão de diversas partes do globo terrestre. O Quilombo de Palmares, assim como as fazendas escravistas do sul dos Estados Unidos e áreas rurais da Irlanda, é compreendido como resultado da ação de forças do capitalismo, da modernidade, do eurocentrismo e do colonialismo. Cria-se um amplo modelo que busca explicar e interligar toda a humanidade após o ano de 1415.

Esse também é o objetivo da Arqueologia da Etnogênese. Por esse caminho, o Quilombo de Palmares estruturaria-se como prova de que os quilombos da América nasciam com o objetivo de defender uma identidade única e coesa, formada pela mescla de outras identidades, como a indígena e a africana, contra as ameaças culturais da sociedade colonial. A Arqueologia da Etnogênese distancia-se da Arqueologia da Etnicidade, e da Dominação e da Resistência, por priorizar a existência de uma coesão cultural, apresentada como identidade do quilombo contrária à sociedade colonial. Em caminho semelhante, a Arqueologia Histórica Global busca um processo de coesão ou unidade, mas, essa é dada entre todos os seres humanos e não apenas no Quilombo de Palmares.

As teorias arqueológicas estudadas enfatizam aspectos diferentes do assentamento e, por isso, quando analisadas em conjunto, permitem a percepção da existência de representações diferenciadas para o quilombo. De acordo com a estudiosa Kaathryn Woodward, a representação pode ser compreendida como um processo cultural que “estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornece possíveis respostas às questões: quem eu

sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representações constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”¹²³. As narrativas arqueológicas sobre Palmares, arquitetam, portanto, lugares singulares, nos quais seus leitores podem se apoiar para imaginar e sentir identidades sobre si e sobre os outros.

Esses lugares podem ser concebidos, de acordo com os arqueólogos Michael Shanks e Christopher Tilley, como práticas políticas porque as ações arqueológicas seriam entendidas não apenas como o trabalho de campo, mas também como o embasamento teórico do pesquisador. Dentro dessa perspectiva, os textos produzidos pelos estudiosos da cultura material deveriam criar dissonâncias e convidar os leitores a constantes discussões¹²⁴.

Cada Arqueologia da Serra da Barriga criou um Quilombo de Palmares singular, cujas imagens provocam certas reações não apenas no mundo acadêmico, no qual elas foram concebidas, mas também no universo exterior às academias. Devemos destacar, contudo, antes de nos determos nos debates criados pelas teorias arqueológicas, que a distinção entre o universo acadêmico e o não acadêmico é instrumentada, nessa dissertação, apenas com fim analítico¹²⁵.

¹²³ Woodward, Kaathryn, “Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual”, in: Tomas Tadeu da Silva, (org), *Identidade e Diferença*, Ed. Vozes, RJ, 2000, P.17

¹²⁴ Shanks, Michael e Tilley, Christopher, *Social Theory and Archaeology*, Polity Press, Londres, 1987, p.207

¹²⁵ Bourdieu, Pierre, *O Poder do Simbólico*, Difel, Rio de Janeiro, 1989

Identidades como escolhas políticas

O Quilombo de Palmares ocupa posição de grande importância no cenário nacional. A data da morte de Zumbi dos Palmares foi escolhida, no ano de 1995, como dia nacional da Consciência Negra. Em algumas cidades do Brasil, o 20 de Novembro foi transformado em feriado, o que não se deve ao acaso: é resultado da luta política do Movimento Negro para o reconhecimento do “lugar do negro na sociedade”. Deve-se acrescentar que a opção pelo herói palmarino não foi aleatória. Como vimos, dentro do campo historiográfico, Zumbi foi construído, por mais de 60 anos, como símbolo da resistência negra na sociedade colonial.

A figura de Zumbi, atualmente, permanece como símbolo de lutas. O motivo da luta, entretanto, varia de acordo com o leitor. O rapper paulistano Happin Hood, líder comunitário de algumas favelas na cidade de São Paulo, apresentado com frequência pela rede de televisão brasileira MTV a um amplo público, afirma que Zumbi é mais atual que nunca: “lutava por igualdade social, pelos direitos dos negros como cidadãos e por uma distribuição humanitária da renda”¹²⁶. Zumbi aproxima-se das necessidades sentidas dentro das favelas brasileiras.

Por outro lado, para o sociólogo e ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, Zumbi ganha dimensões nacionais: passa a ser símbolo não apenas da luta dos negros por uma sociedade igualitária, mas um brasileiro que combateu a escravidão. O Quilombo de Palmares é comparado ao Brasil: acolhia negros, índios, judeus e até muçulmanos. Segundo Cardoso, “Zumbi morreu porque

¹²⁶ Rappin Hood, Revista MTV, Editora ZMA, setembro de 2002.

sonhava com uma vida melhor para todos. Não se contentava com a liberdade só para ele”¹²⁷. Zumbi seria o exemplo que os brasileiros deveriam seguir.

Outra perspectiva para o herói palmarino é construída pelo líder do Movimento Gay da Bahia, o historiador Luiz Mott, que afirma que Zumbi nunca teve esposa. Ele teria vindo de uma etnia angolana “quimbanda” onde a homossexualidade era uma prática comum, teria sido criado por um padre em Alagoas que o chamava de “meu neguinho” (seu outro apelido seria “sueca”) e, quando foi capturado, teria tido seu pênis cortado e o colocado em sua boca (segundo Mott, punição comum aplicada a homossexuais na colônia). Zumbi configura-se, dentro dessa perspectiva, como um herói “gay e negro”. A resposta ao Zumbi de Mott foi a pichação dos muros da casa do historiador, os vidros de seu carro quebrados e agressões nas ruas. Alguns militantes do Movimento Negro se sentiram ofendidos pelo herói Zumbi ter sido apresentado como homossexual¹²⁸.

Os leitores do Quilombo de Palmares, acima citados, escolheram representações que lhe serviam a um fim político; seja para ressaltar as necessidades das populações carentes no Brasil, a unidade nacional ou a opção pela homossexualidade realizada por “grandes personagens da história”. Mas quais foram as escolhas políticas-arqueológicas para a Serra da Barriga e como elas repercutiram na sociedade?

A Arqueologia da Etnicidade, em um caminho próximo ao trilhado pelo sociólogo Fernando Henrique Cardoso, escolheu a valorização da convivência entre identidades diferentes. Convivência que é percebida com cautela pela Arqueologia

¹²⁷ Fernando Henrique Cardoso, Discurso proferido pelos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares.

¹²⁸ www.mixbrasil.uol.com.br/cultural (Entrevistas: Luiz Mott).

da Dominação e da Resistência. De acordo com Michael Rowlands, expoente dessa Arqueologia, os discursos produzidos nas academias desempenham funções na sociedade. Ao olharmos para Palmares como conjugação harmoniosa de elementos sociais diferentes, poderíamos abrir espaços para crença de que existe no Brasil uma pré-disposição para a democracia racial¹²⁹. A solução seria valorizar as contradições sociais existentes no assentamento, como por exemplo, a distribuição do espaço em função das atividades desempenhadas pelos membros do quilombo. Encontraria-se, nas diferenciações sociais, estímulo para a reflexão sobre a constituição do mundo ocidental.

A Arqueologia Histórica Global, em sentido diferente, destaca o Quilombo de Palmares não pela originalidade cultural ou por ser, possivelmente, um movimento de resistência, mas, ao contrário, pensaria o assentamento palmarino como resultado da atuação de um conjunto de forças que caracterizariam toda a humanidade após a Tomada da Ilha de Ceuta pelos portugueses. O próprio conceito de cultura é questionado por esse viés teórico: os indivíduos estariam conectados globalmente, não sendo possível delimitar, nessa humanidade, células culturais. Todos os seres humanos são percebidos como iguais ou, pelo menos, passíveis às mesmas forças.

Opção oposta é realizada pela Arqueologia da Etnogênese; nesse campo, os quilombolas são produtores de uma identidade única e coesa constituída para opor-se a identidade colonial. Teria-se uma resistência à “culturas ameaçadoras” através da negação do “inimigo” e, principalmente, da valorização dos elementos culturais “originais”.

¹²⁹ Rowlands, Michel, “Black identity and sense of past in Brazilian national culture”, Op. Cit.

O pesquisador da Arqueologia da Etnicidade, Pedro Paulo Abreu Funari, afirma que “(...) quaisquer que sejam os resultados futuros do trabalho arqueológico, os desafios à interpretação da cultura material do quilombo e a sua apropriação pelos grupos sociais atuais são imensos. A questão da “negritude” de Palmares suscita paixões e, ao estudarmos a etnicidade do quilombo estaremos lidando, antes de mais nada, com a simbologia associada ao mocambo. “Terra de heróis” e “solo sagrado” são expressões carregadas de emoção, tantas vezes usadas para referir-se a Palmares. Mas escavar heróis é tarefa particularmente difícil”¹³⁰.

A fala do autor, e a opção das quatro arqueologias em não considerar o Quilombo de Palmares como representante da cultura africana na América, nos faz supor que os discursos arqueológicos não agradaram, politicamente, setores sociais interessadas na defesa de uma cultura e identidade pura, formada, por exemplo, unicamente por negros.

As disputas políticas, todavia, não se restringiram à relação tecida entre as arqueologias e alguns setores sociais; aconteceram também no interior da academia. Segundo a Arqueologia da Etnogênese, as escavações realizadas entre 1992 e 1993 teriam rendido 1300 fragmentos de cerâmicas, número superado pelos trabalhos de 1996, que teriam resultado em um total de 3.353 artefatos (guardados no Núcleo de Estudos Afro – Brasileiros, Maceió, Alagoas)¹³¹. Além disso, as escavações de 1992 teriam criado alguns enganos e interpretações precipitadas¹³².

¹³⁰ Funari, Pedro Paulo A, “A Arqueologia de Palmares, Sua contribuição para a história da cultura afro-americana”, in: *Studia Africana*, Publicació del centre d’estudis africans-barcelona, 1998, p. 186.

¹³¹ “Introduction” p. 1-30, Scott Joseph Allen, *Zumbi Nunca Vai Morrer – History, race, politics, and the practice of Archaeology in Brazil*, Doctor of Philosophy, Departament of Antropology, Brown University, Providence, Rhode Island, Maio de 2001.

¹³² Scott Joseph Allen, *Zumbi Nunca Vai Morrer – History, race, politics, and the practice of Archaeology in Brazil*, Op. Cit., p.100.

Esses enganos são referências diretas aos objetos de estudo da Arqueologia Histórica Global; os cachimbos encontrados na Serra da Barriga. Para a Arqueologia da Etnogênese, os cachimbos estavam, de fato, localizados no museu local, mas eles não foram encontrados nas escavações arqueológicas realizadas no ano de 1992 e, possivelmente, seriam produções recentes dos moradores da região interessados no turismo e comércio criado pelo quilombo¹³³. A Arqueologia da Etnogênese tem como uma de suas pilastras de sustentação a negação da eficiência dos outros trabalhos arqueológicos: participa de uma disputa pela verdade.

Nosso objetivo, com essa dissertação, não é medir ou escalonar as teorias arqueológicas envolvidas com o Quilombo de Palmares; como afirmou Foucault: “não se trata mais de julgar nosso passado em nome de uma verdade que nosso presente seria o único a deter”¹³⁴. Destacamos, no entanto, que a escolha das identidades realizadas no interior das teorias arqueológicas integram lutas políticas com os mais diversos objetivos, desde a valorização do negro na sociedade até a legitimação de uma teoria arqueológica no campo da ciência. Caminho contrário, o silêncio sobre determinadas identidades, também traz conseqüências. A figura do indígena, por exemplo, não é destacada na historiografia sobre o Quilombo de Palmares. Já para as teorias arqueológicas, todavia, ela é citada. No Brasil, país onde grupos indígenas aparecem na mídia apenas quando estão envolvidos em conflitos

¹³³ Scott Joseph Allen, *Zumbi Nunca Vai Morrer – History, race, politics, and the practice of Archaeology in Brazil*, Op. Cit., p.106.

¹³⁴ Foucault, Michel, *Vigiar e Punir*, Editora Vozes, Petrópolis, 1996, p.37.

com posseiros¹³⁵, nas vacinações contra doenças infecciosas, ou nas questões de demarcações de terras, a Arqueologia pode desempenhar um papel especial.

Arqueologias de Palmares e a necessidade de Arqueologias Públicas

Como as opções teóricas realizadas no campo da Arqueologia podem promover mudanças em nossa sociedade? De acordo com o antropólogo norte-americano Richard Handler, as identidades coletivas, assim como quaisquer outros processos culturais, não aparecem ao pesquisador de forma objetiva. Isto porque elas existem apenas nos processos de interação semiótica; ou seja, são construídas em atos específicos de interpretação social. Cada indivíduo interage com o mundo que o cerca de forma bastante específica, ligada diretamente à sua formação.

Ao longo deste processo de construção de identidades, os museus configuram-se como elementos cruciais. A instituição tem como prática escolher grupos sociais que seriam dignos de uma memória pública, ao mesmo tempo, em que contribui para a exclusão de outras possíveis memórias. De acordo com o autor, “ (...) *The decisions we make to canonize certain objects as ‘culture’, or worth of preservation, always depend on contemporary ideological concerns*”¹³⁶.

Através das indicações de Handler, é possível traçar paralelos entre o discurso arqueológico e os museus. Ambos lidam diretamente com memórias de

¹³⁵ Um exemplo de notícias sobre os conflitos entre indígenas e posseiros pode ser encontrado na *Folha- online*, matéria: “Índios xavantes dão prazo para retomar reserva de posseiros”, 01/08/2004.

¹³⁶ Handler, Richard, “Cultural property and culture `theory’”, *Journal of Social Archaeology*, vol. 3, n. 3, Outubro 2003, p. 359.

determinados grupos sociais, sejam escritas ou simbolizadas por objetos táteis. Possuem regras próprias de funcionamento: a escolha da linguagem, a ordem da disposição das idéias ou objetos, o público alvo, o tema escolhido, o objetivo de divulgar um determinado conhecimento (percebido como práticas discursivas que não são neutras, mas que enfatizam relações de poder e práticas disciplinares¹³⁷), entre outros possíveis aspectos.

Dentro desta perspectiva, o discurso arqueológico pode ser interpretado, de forma semelhante ao museu, como um instrumento de escolha de determinadas memórias orientadas por relações de poderes. Para Julian Thomas, arqueólogo inglês, é com o poder da exclusão e da inclusão que o arqueólogo deve ter cautela: esses profissionais teriam a responsabilidade de fazer escolhas que podem agravar determinadas inclusões e discriminações sociais¹³⁸. Cabe ressaltar que estas memórias escolhidas pelo museu ou pela Arqueologia não necessariamente determinam a formação de identidades coletivas ou individuais¹³⁹, mas contribuem para suas construções.

As Arqueologias praticadas na Serra da Barriga, por se inserirem em propostas teóricas diferenciadas, defendem representações divergentes sobre o Quilombo de Palmares. Com a divulgação dessas representações é possível advogar a inexistência de uma única verdade ou mesmo de uma única identidade a ser celebrada: além do africano no assentamento palmarino, teríamos indígenas, mulheres “bruxas”,

¹³⁷ Foucault, Michel, *A ordem do discurso*, Loyola, São Paulo, 1996, p.52-53

¹³⁸ Thomas, Julian, “Where are now – archaeology theory in the 1990s”, in: *Theory in Archaeology – a world perspective*, Routledge, London, 1995. p.353

¹³⁹ Jones, Siân “Historical categories and the praxis of identity: the interpretation of ethnicity”, *Historical Archaeology – Back from the Edge*, Londres, Routledge, 1999.

comerciantes, europeus, ricos e pobres, entre outras infinitas categorias que, apesar de analíticas e didáticas, abrem outros espaços de representações.

Possibilidade interessante para a divulgação das múltiplas identidades palmarinas seria a vinculação dos trabalhos arqueológicos ao campo da Arqueologia Pública. Essa é uma área recente, instaurada junto à fundação do Congresso Mundial de Arqueologia, em 1986¹⁴⁰, e seus objetivos centram-se nas discussões acerca da importância pública e social da disciplina, legislação de preservação patrimonial, participação de setores sociais na gestão social do patrimônio, Arqueologia como política e uso político da Arqueologia.

No Brasil, ainda que a pesquisa empírica da Arqueologia de campo, quase como uma técnica, seja predominante¹⁴¹, as investigações ligadas à Arqueologia Pública vêm crescendo vertiginosamente¹⁴². A inovação frente à ordem estática do *establishment* arqueológico¹⁴³, segundo Jorge Eremites de Oliveira, é resultado da sede dos jovens arqueólogos. E jovens, neste texto, não se refere à idade biológica: “parafraseando Acuto & Zarankin (1999, p. 13), avalio que é por tudo isso e por muito mais que jovens arqueólogos continuam seguindo *sedentos*, pois a *sede* faz parte da efetiva construção do saber científico e do comportamento de alguns cientistas, sem a qual não haveria mudanças de nuances ou transformações epistemológicas”¹⁴⁴.

¹⁴⁰ Funari, Pedro Paulo A, “Public Archaeologic from a Latin American perspective”, *Public Archaeology*, 2001, vol 1, p.239-243.

¹⁴¹ Zarankín, Andrés, “El Pensamiento Moderno y el pensamiento posmoderno em Arqueología” in: *Narrar o passado, repensar a História*, Margareth Rago e Renato Aloizio de Oliveira Gimenes (orgs), Coleção Idéias, Vol. 2, Campinas, IFCH – Unicamp, 2000.

¹⁴² Acrescentar os projetos ligados ao NEE.

¹⁴³ Sobre a discussão acerca da existência do *establishment* arqueológico consultar: Oliveira, Jorge Eremites, “A Arqueologia brasileira da década de 1980 ao início do século XXI: uma avaliação Histórica e Historiográfica”, *Estudos Ibero-Americanos*, 28,2, 2002, pp.25-52 e Oliveira, Solange Nunes, *A Arqueologia Guarani*, Fapesp – AnnaBlume, São Paulo, 2003.

¹⁴⁴ Oliveira, Jorge Eremites, “A Arqueologia brasileira da década de 1980 ao início do século XXI: uma avaliação Histórica e Historiográfica”, *Estudos Ibero-Americanos*, 28,2, 2002, pp.25-52.

O crescimento da Arqueologia Pública configura-se como necessário para a ampliação da ação arqueológica na sociedade. Com a divulgação da possibilidade de múltiplas identidades de Palmares, ou mesmo de outros objetos de pesquisa que não o quilombo, abre-se espaço para a liberdade: os leitores dos trabalhos arqueológicos podem construir suas próprias identidades sem se sentirem cerceados ou excluídos. O Quilombo de Palmares configura-se como terra dos sonhos por ser nele que indivíduos podem se enxergar.

Bibliografia.

Teoria Arqueológica.

- BARRETO, C., “Arqueologia Brasileira: uma perspectiva histórica e comparada”, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 3, p. 201-212, 1999.
- BRUNO, Maria Oliveira, “A importância dos processos museológicos para a preservação do Patrimônio” in: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo*, MAE, São Paulo, 1999 (Suplemento 3). pp.333/338.
- DANIEL, Glyn, *Historia de la arqueología*, Ed. Cast. Alianza Editorial S. A., Madrid, 1992.
- DÍAZ- Andreu, Margarita, “Nacionalismo y Arqueología: del viejo al Nuevo Mundo”, in: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo*, MAE, São Paulo, 1999 (Suplemento 3). pp.161/181.
- FARIA, Luíz de Castro, “Domínios e fronteiras do saber: a identidade da Arqueologia” in: *Dédalo – publicações avulsas*, n.1, 1989, MAE-USP, São Paulo , Brasil.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu, E.G. Neves e I. Podgorny (orgs), *Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul*. São Paulo, MAE-USP/IFCH-UNICAMP/FAPESP, 2000.

- _____, Pedro Paulo Abreu, *Antigüidade Clássica – a história e a cultura a partir dos documentos*, Editoras da Unicamp, Campinas, 1995.
- _____, Pedro Paulo A., *Arqueologia*, Editora Ática, São Paulo, 1988.
- _____, Pedro Paulo A., “Arqueología e História: Arqueología Histórica Mundial y de América del sur”, in *Annales de Arqueología y Etnología* (FFyL – UN de Cuyo), 50-51, 109-132, 1995-1996.
- _____, Pedro Paulo A. (org), *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, Unicamp (IFCH), Campinas, 1998.
- _____, Pedro Paulo A., Siân Jones e Martin Hall (orgs), *Historical Archaeology – Back From the Edge*, Routledge, London, 1999.
- _____, Pedro Paulo Abreu, “Historical Archaeology in South America”, manuscrito inédito, a sair nos EEUU, em 2003.
- _____, Pedro Paulo A., *Teoria Arqueológica na América do Sul*, IFCH, Unicamp, Campinas, 1998.
- GUARINELLO, Noberto Luiz, *Imperialismo greco-romano*, Ática, São Paulo, 1987.
- _____, Noberto Luiz, “Memória Coletiva e História Científica”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.14, n.28, 1994, p.180-193.
- HODDER, Ian, *Theory and practice in archaeology*, Routledge, London, 1995.
- JOHNSON, Matthew, *Archaeological Theory*, Blackwell Publishers Ltd, Massachusetts, 1999.
- JONES, Siân, “Historical categories and the praxis of identity: the interpretation of ethnicity in historical archaeology”, in: *Historical Archaeology – Back from the edge*, Routledge, Londres, 1999.

- _____, Siân, *The Archaeology of Ethnicity*, Routledge, London, 1997
- KERN, Arno Alvarez, *Abordagens teóricas em Arqueologia*. Trabalho apresentado na VI Reunião Científica de Arqueologia Brasileira (SAB), Rio de Janeiro, Setembro de 1991.
- _____, Alvarez Arno, "A Cultura Material, A História e a Arqueologia", in: *Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH) – Anais da X Reunião*, Curitiba, 1991.
- _____, Arno Alvarez. A importância da pesquisa arqueológica na universidade, *Revista do CEPA*, Santa Cruz, 12(14): 5-11, 1985.
- _____, Arno Alvarez, "Método e Teoria no projeto Arqueologia Histórica Missioneira". Trabalho apresentado na Mesa Redonda "Arqueologia Histórica", do Simpósio Teoria e Método em Arqueologia, organizado pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo, de 7 a 11 de Agosto de 1995.
- LEONE, M e P. Potter, *The Recovery of Meaning*, Smithsonian Institution Press, Washington D.C., 1988.
- NEVES, Walter Alves, "Arqueologia Brasileira: Algumas Considerações" in: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Serie Antropológica*, Vol 4 (2), Belém-Pará, Dezembro de 1998.
- NOELLI, Francisco Silva, "Repensando os rótulos e a história dos Jê no sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar" in: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo*, MAE, São Paulo, 1999 (Suplemento 3). pp.185/302.

- OLIVEIRA, Solange Nunes, *Cultura Material e Etnicidade: Uma análise dos diferentes discursos*, Tese de Mestrado, Unicamp, 2001.
- ORSER, Charles Jr., *Introducción a la Arqueología Histórica*, Tridente, Buenos Aires, 2000.
- PROUS, André, *Arqueologia Brasileira*, Ed. Universidade de Brasília, Brasília, 1991.
- RENFREW, Colin e Bahn, Paul, *Arqueología – teorías, métodos y prácticas*, Madrid, Edicionaes Akal, 1998.
- ROWLANDS, Michael, “A question of complexity”, in: *Domination and Resistance*, London, Routledge, 1989.
- RUBERTONE, P., “Archaeology, Colonialism and 17th-century Native América: towards na alternative interpretation”, in: *Conflict in the Archaeology of Living Traditions*, Editado por R. Layton, Londres, 1989.
- SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro, *O encontro entre culturas – índios e europeus no século XVI*, Editora Atual, São Paulo, 2000.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio, “Política Arqueológica Brasileira”, in: *Dédalo- publicações avulsas*, n.1, 1989, MAE-USP, São Paulo, Brasil.
- SENATORE, María Ximena, “Arqueología del contacto europeu-americano: discusión teórica y modelos de análises en áreas marginales” in: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo*, MAE, São Paulo, 1999 (Suplemento 3). pp.103/119.

- _____, Maria Ximena e Andrés Zarankin, (orgs), *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas*, Ediciones Del Tridente, Argentina, 2002.
- _____, Maria Ximena e Andrés Zarankin, “Perspectivas Metodológicas em Arqueologia Histórica. Reflexiones sobre la utilización de la evidencia documental”, *Páginas sobre Hispanoamérica Colonial*, n. 4, PRHISCO-CONICET, Buenos Aires, 1996-1997.
- SHANKS, Michael and Christopher Tilley, *Re- Constructing Archaeology*, Routledge, Londres, 1987.
- _____, Michael e Christopher Tilley, *Social Theory and Archaeology*, Polity Press, Cambridge, 1987.
- TAMANINI, Elizabete, “Museu, Educação e Arqueologia: prospecções entre teoria e prática” in: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo*, MAE, São Paulo, 1999 (Suplemento 3). pp.339/346.
- TENÓRIO, Maria Cristina, *Pré-História da Terra Brasilis*, Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1999
- THOMAS, Julian, “Where are we now- archaeological theory in 1990s”, in *Theory in Archaeology – a world perspective*, Routledge, London, 1995.
- TRIGGER, Bruce G., *Além da História: métodos da pré-história*, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.
- _____, Bruce G, *Historia del Pensamiento Arqueológico*, Editorial Critica, Barcelona, 1999.

- _____, Bruce G., *A History of Archaeological Thought*, Cambridge, University Press, 1989.
- _____, Bruce G., "Romanticism, nationalism, and archaeology", in: *Nationalism, politics, and the practice of archaeology*, Cambridge University Press, New York, 2000.
- TENÓRIO, Maria Cristina, *Pré-História da Terra Brasilis*, Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.
- UCKO, Peter J., "Archaeological interpretation in a world context", in: *Theory in Archaeology – a world perspective*, Routledge, London, 1995
- ZARANKIN, Andrés, "El Pensamiento Moderno y El Pensamiento Posmoderno em Arqueología" in: *Narrar o Passado, Repensar a História*, Margareth Rago e Renato Aloízio de Oliveira Gimenes (orgs), Coleção Idéias2, Campinas, IFCH- Unicamp, 2000.
- _____, Andrés e Félix A. Acuto, *Sed Non Satiata*, Ediciones Del Tridente, Buenos Aires, 1999.

Teoria da História.

- BOURDIEU, Pierre, *O Poder do Simbólico*, Difel, Rio de Janeiro, 1989.
- BURKE, Peter, *A Escrita da História: a novas perspectivas*, Editora da Unesp, São Paulo, 1992.
- CHARTIER, Roger, *A História Cultural – entre práticas e representações*, Ed Bertrand, Rio de Janeiro, 1990.

- DARTON, Robert, *O Beijo de Lamourette*, Cia das Letras, São Paulo, 1995.
- FOUCAULT, Michel, *A Arqueologia do Saber*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.
- _____, Michel, *A ordem do discurso*, Loyola, São Paulo, 1996.
- _____, Michel, *Vigiar e Punir*, Editora Vozes, Petrópoles, 1996, p.37.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu, "Paulo Duarte Citar texto do PP sobre Paulo Duarte e o Instituto de Pré-História: Documentos Inéditos", *Revista Idéias*, IFCH - Unicamp, ano 1, número 1, janeiro/ junho de 1994.
- _____, Pedro Paulo A., CARVALHO, Aline Vieira de, *Palmares, ontem e hoje*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005 (a sair).
- _____, Pedro Paulo Abreu e Noelli, Francisco, *Pré -História do Brasil*, Editora Contexto, São Paulo, 2003.
- _____, Michel, *A ordem do discurso*, São Paulo, Loyola, 2001.
- _____, Michel, *Microfísica do Poder*, Graal, Rio de Janeiro, 2000.
- GILROY, Paul, *Against Race - A Review*, Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- GUINZBURG, Carlo, *O Queijo e os Vermes*, Companhia das Letras, São Paulo, 1998.
- HUNT, Lynn , "Introduction: History, Culture, and Text", *The New Cultural History*, pp. 1-22, Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- JENKINS, Keith, *A História repensada*, São Paulo, Contexto, 2001.
- LACAPRA, "Repensar la historia intelectual y leer textos", *Giro Lingüístico e historia intelectual*, Palti, Elias J. (org.), Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 240.

- LE GOFF, Jacques, *História Novos Objetos*, f. Alves, Rio de Janeiro, 1976.
- O'BRIEN, Patricia, "Michel Foucault's History of Culture", *The New Cultural History*, pp. 25-46, Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- RAGO, Margareth e Renato Aloizio de Oliveira Gimenes (orgs), *Narrar o passado, repensar a História*, Editora do IFCH - Unicamp, Campinas, 2000.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil, *Por uma lingüística crítica – linguagem, identidade e a questão ética*", São Paulo, Parábola Editorial, 2003.
- SCHOULTZ, Larz, *Estados Unidos: poder e submissão – uma história da política norte americana em relação à América Latina*. Edusc, Bauru, 2000.
- THOMPSON, E. P, *Costumes em Comum*, Editora Schawarcz, São Paulo, 1998.
- WHITE, Hayden, "O Fardo da História", in: *Tópicos do Discurso – Ensaaios sobre a crítica da Cultura*, Edusp, São Paulo, 1986.

Palmares na Arqueologia.

- ALLEN, Scott Joseph, "A 'Cultura Mosaic' at Palmares? Grappling with the Historical Archaeology of a Seventeenth-century Brazilian Quilombo" in: *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, Pedro Paulo A Funari (org.), Unicamp (IFCH), Campinas, 1998.
- _____, Scott Joseph, "Preliminary Directions in the Historical Archaeology of Palmares", *Nova Revista de História da Arte e Arqueologia*, n.3, Fevereiro de 2000, IFCH- Unicamp, Campinas.

- _____, Scott Joseph, *Zumbi Nunca Vai Morrer – History, race, politics, and the practice of Archaeology in Brazil*, Doctor of Philosophy, Departament of Antropology, Brown University, Providence, Rhode Island, Maio de 2001.
- FUNARI, Pedro Paulo A. E.G. Neves e I. Podgorny (orgs), *Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul*. São Paulo, MAE-USP/IFCH-UNICAMP/FAPESP, 402 pp. (publicado em 2000).
- _____, Pedro Paulo A., *Arqueologia*, Editora Ática, São Paulo, 1988.
- _____, Pedro Paulo A., “A Arqueologia de Palmares, Sua contribuição para a história da cultura afro-americana”, in: *Studia Africana*, Publicacipó del centre d’estudis africans-barccelona, 1998, pp. 175-188.
- _____, Pedro Paulo A., *Arqueologia de Palmares*, Carta, Brasília, Senado Federal, 7, 62-63, 1995.
- _____, Pedro Paulo A., “A Arqueologia e a Cultura Africana nas Américas”, in: *Estudos Ibero – Americanos*, PUCRS, v. XVII, n.2, p. 61-71, dezembro de 1999.
- _____, Pedro Paulo A., “A cultura material de Palmares: o estudo das relações sociais de um quilombo pela Arqueologia”, *Idéias*, São Paulo, FDE, 27, 37-42., 1996.
- _____, Pedro Paulo A., “Arqueología e História. Arqueología Histórica Mundial y de América del sur” in: *Annales de Arqueología y Etnología*, (FFyL – UN de Cuyo), 50-51, 109-132, 1995-1996.
- _____, Pedro Paulo A., “Algumas contribuições do estudo da cultura material para a discussão da história da colonização da América do Sul”, in: *Tempos Históricos*, M. C. Rondon, nº1, vol.01, p.11-44, Mar/1999.

- _____, Pedro Paulo A., "A 'República de Palmares' e a Arqueologia da Serra da Barriga", in: *Povo Negro*, Revista USP, São Paulo (28), Dezembro/ Fevereiro - 95/96.
- _____, Pedro Paulo A., "Historical archaeology from a world perspective", in P.P.A Funari, M. Hall & S. Jones (eds), *Historical Archaeology, Back from the edge*, Londres, Routledge, 37-66, 1999.
- _____, Pedro Paulo A., S. Jones & M. Hall, "Chapter 1: Introduction: archaeology in history", in P.P.A Funari, M. Hall & S. Jones (eds), *Historical Archaeology, Back from the edge*, Londres, Routledge, 1-20, 1999.
- _____, Pedro Paulo A., Conflict and the Interpretation of Palmares, a Brazilian Runaway Polity, no prelo.
- _____, Pedro Paulo A., "Contribuições da Arqueologia para a interpretação do Quilombo dos Palmares", in: *Fronteiras: Revista de História*, Campo Grande, MS, 3(6): 79-90, Julho/Dezembro,1999.
- _____, Pedro Paulo A, "Etnicidad, identidad y cultura material: un estudio del Cimarrón Palmares, Brasil, siglo XVII", in A. Zarankin & F.A. Acuto (eds), *Sed non satiata, Teoría Social en la Arqueología Latinoamericana Contemporánea*, Buenos Aires, Ediciones del Tridente, 77-96.
- _____, Pedro Paulo A, "Maroon, race and gender: Palmares material culture and social relations in a runaway settlement", In P.P.A Funari, M. Hall & S. Jones (eds), *Historical Archaeology, Back from the edge*, Londres, Routledge, 308-327. 1999.

- _____, Pedro Paulo A., "Novas perspectivas abertas pela Arqueologia na Serra da Barriga", in: *Negras Imagens*, Lilia Moritz Schawarcz e Letícia Vidor de Souza Reis (orgs), Edusp, São Paulo, 1996.
- _____, Pedro Paulo A., "O Amadurecimento de uma Arqueologia Histórica Mundial", in: *Revista de História*, Departamento de História da USP, n.135, 2. Semestre de 1996.
- _____, Pedro Paulo A., "O Estudo Arqueológico de Palmares e a Sociedade Brasileira", in: *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, USP, São Paulo, 20-21: 93-103, 1997/1998.
- _____, Pedro Paulo A. e Charles E. Orser Jr., "Pesquisa arqueológica inicial em Palmares", *Estudos Ibero-Americanos*, 18,2, 53-69. 1992.
- _____, Pedro Paulo A., "Public archaeology from a Latin Perspective", *Public Archaeology*, London, 1, 4, 2001, 239-243.
- _____, Pedro Paulo A., *The Archaeological study of the African Diaspora in Brazil: some ethnic issues*, in: World Archaeological Congress Intercongress on the African Diaspora, April 23-29, 2001, Curaçao.
- ORSER, Jr. Charles E, "A Teoria de rede e a Arqueologia da História Moderna", in: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia – Universidade de São Paulo*, MAE, São Paulo, 1999 (Suplemento 3). pp.87/103.
- _____, Charles Jr., *A Historical Archaeology of the Modern World*, Plenum Press, New York, 1996.
- _____, Charles Jr. e Pedro Paulo A. Funari, "Archaeology and Slave Resistance and Rebellion", *World Archaeology*, 33, 2001: 61-72, p.2.

- ROWLANDS, Michel, "Black identity and sense of past in Brazilian national culture" in: *Historical Archaeology – Back from the Edge*, Pedro Paulo A Funari, Martin Hall e Siân Jones (orgs), Routledge, Londres, 1999.

Palmares na Historiografia.

- CARNEIRO, Edson, *Ladinos e Crioulos*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1964.
- _____, Edson, *O Quilombo dos Palmares*, Editora Civilização Brasileira S. A, Rio de Janeiro, 1966.
- ENNES, Ernesto, *As Guerras nos Palmares – Domingos Jorge Velho e a “Tróia Negra”*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938.
- FREITAS, Décio, *Escravidão Brasileiro*, Mercado Aberto, Porto Alegre, 1982, p.47. (2ª edição).
- _____, Décio, *Palmares – A Guerra dos Escravos*, Graal, Rio de Janeiro, 1978.
- GOMES, Flávio dos Santos, *História de Quilombolas: Mocambos e comunidades de senzala no Rio de Janeiro - século XIX*, Mestrado - Unicamp, Campinas, 1993.
- MOURA, Clóvis (org), *Os Quilombos na dinâmica Social do Brasil*, Editora da UFAL, Maceió, 2001.
- _____, Clóvis, *Rebeliões da Senzala – Quilombos, Insurreições, Guerrilhas*, Ed. Zumbi, São Paulo, 1959.

- NASCIMENTO, Abdias do, *O Quilombismo – documentos de uma militância pan-africanista*, Editora Vozes, Petrópolis, 1980.
- RAMOS, Arthur, *As culturas Européias e europeizadas*, Edições C.E.B., Rio de Janeiro, 1975.
- _____, Arthur, *As Culturas Negras no Novo Mundo*, Ed. Cia Nacional, São Paulo, 1979.
- _____, Arthur, *Introdução à Antropologia Brasileira*, Edições da C. E. B. , Rio de Janeiro, 1943.
- REIS, João José e Gomes, Flávio dos Santos, “Uma História de Liberdade”, in: *Liberdade por um Fio - História dos Quilombos no Brasil*, João José Reis e Flávio das Santos Gomes (orgs), Companhia das Letras, São Paulo, 1996.

Endereços eletrônicos citados

- Plataforma Lattes (CNPq): <http://lattes.cnpq.br/>
- Universidade Federal de Alagoas: www.ufal.br